

# **PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DE CASOS**

Pesquisa produzida no Plantão Psicológico do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) de Campinas, Brasil

2018

**Alan Ferreira dos Santos**

Graduando de Psicologia na Universidade Paulista (UNIP) - Brasil

E-mail de contato:

[alanfs1995@gmail.com](mailto:alanfs1995@gmail.com)

---

## **RESUMO**

Esse estudo visa demonstrar uma descrição dos casos atendidos num Centro de Psicologia Aplicada (CPA) na região de Campinas, que oferece serviços de Plantão Psicológico à população de baixa renda. A princípio se fará uma breve introdução sobre a definição do que é uma prática de Plantão em Psicologia e em seguida se porá à desdobrar os casos atendidos. O relato desses é eminentemente fenomenológico, tendo como finalidade ser uma descrição fiel dos acontecimentos e com fins a aumentar o banco de dados empíricos – para a análise - na comunidade científica sobre a área das relações interpessoais e do espaço clínico – da relação do psicoterapeuta e cliente -. Visa também ser uma exposição que permite desvelar o entre do setting analítico, em outras palavras, ser uma apresentação da postura do terapeuta diante da demanda trazida pela pessoa, como também das formas de intervenção nessas e conjuntamente ser a expressão de um modo possível de se manejar no campo das urgências e emergências na área da Saúde Mental, em suma, faz-se uma explanação dos acontecimentos no ambiente clínico. O trabalho foi produzido durante o período de 1 ano de serviços prestados ao estabelecimento e com o atendimento de 14 usuários (sendo 12 descritos no artigo) e com as sessões de duração em média de 140 minutos. Dentre os usuários atendidos se encontram crianças (3 anos), pré-adolescentes (11 anos), adulto-jovem (17 anos), adultos (32 anos) e meia-idade (42 anos). As principais causas de sofrimento eram: o impacto psicológico do divórcio nas crianças; o impacto do divórcio para mulheres que entram em desamparo psicológico, financeiro e social; pressões sociais em relação ao futuro na fase de transição da adolescência para adulto; desemprego; preconceitos de gênero e de orientação/objeto

sexual. Esses sofrimentos se expressavam na forma de: quadros clínicos de depressão; sub-clínicos, como distímia; Também compareceram outros transtornos como: transtorno da aprendizagem; transtorno maníaco-depressivo; transtorno de ansiedade; transtorno do pânico; transtorno bipolar. Além de ter havido a demanda de tendências suicidas, justamente em estado avançado – atos suicidas -. É importante ressaltar o fato de que alguns pacientes já estavam em tratamento psicofarmacoterápico e que necessitavam de atendimento psicológico como forma de sustância ao uso dos fármacos. Por fim, a partir desses relatos é possível observar que o Plantão Psicológico é uma prática que carece de uma perspectiva o mais ampla possível para que se possa apreender o fenômeno que se apresenta, de tal forma a permitir a intervenção o mais adequada possível e que esteja em consonância com os preceitos humanistas de respeito e compreensão pelo o outro, como também assentado nos critérios de seleção (condição socioeconômica) do público, para o fornecimento de prestação de serviços para uma população carente, se precavendo assim de erros administrativos e permitindo o máximo possível da distribuição dos recursos humanos de forma adequada e eficiente, visto que a demanda é alta e a oferta baixa.

**Palavras-chave:** Psicanálise e saúde coletiva, psicanálise e saúde mental, saúde mental em saúde coletiva.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



---

## PLANTÃO PSICOLÓGICO: DEFINIÇÃO DA ÁREA.

O plantão psicológico é uma prática que tem o objetivo de fornecer uma escuta qualificada daquele que se encontra à nossa frente e os meios pelos quais se faz essa escuta é através do contato íntimo e profundo que se estabelece na relação interpessoal (MORATO, 2009).

Este surge por meio do Aconselhamento Psicológico e para formação do conselheiro (CAMARGO, 1987). Essa prática se refere a um tripé: teoria, prática e crescimento pessoal. É necessário que o plantonista tenha uma teoria, para avaliar o que está fazendo e refletir sobre o que irá fazer, essa deve sempre contribuir para o seu crescimento pessoal levando-o ao desenvolvimento comprometido com o respeito e o crescimento do outro.

O plantão psicológico visa a atender às pessoas em situações em que se demanda elaborações imediatas de sentido e significado, tendendo a proporcionar e fornecer ao usuário do plantão uma reflexão que lhe permita ir além daquilo que já se têm.

Já Mahfoud (1987) fala sobre o Plantão não ser exclusivamente uma prática de diagnóstico, mas também não ser reduzido a qualquer outro tipo de prática não-diagnóstica. O plantão não pode ser reduzido a psicodiagnóstico, mas isto não quer dizer que não possamos nos utilizar dele em casos específicos. Isso significa que o fenômeno é, o fenômeno sendo quer dizer que ele pôde ser qualquer coisa. Assim, o Plantão pode ser caracterizado como sendo uma área de atuação e dentro desta se desenvolve diversas formas de práticas interventivas, estas são determinadas conformes as situações que se mostram, assim a postura fenomenológica é resguarda e as intervenções são feitas conforme a situação determinar.

## **DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS ATENDIMENTOS.**

### **G.V.R.P. (21 ANOS).**

#### **Descrição do atendimento.**

A pessoa chegou até o plantão psicológico através do encaminhamento médico. Relatou a necessidade de um tratamento psicológico em concomitância com o seu tratamento psicofarmacológico. Contou brevemente a história na qual se inscrevia a sua existência, como também os sentimentos que lhe causavam sofrimento.

Explicou-me que o seu sofrer estava estritamente relacionado a sexualidade e os diversos obstáculos que teve de lidar até então. A princípio falou sobre a sua homossexualidade e o preconceito de seu pai; em segundo lugar manifestou os seus sentimentos de tristeza quanto ao fato de não conseguir executar nenhuma atividade cognitiva, como apreender inglês e prestar atenção nas aulas; e no terceiro ponto explicou como era difícil estar vivendo sem ter vontade de fazer coisas que antes lhe causavam prazer e citou suas leituras.

Fizemos brevemente uma passagem pelos períodos nos quais iniciaram os seus sofrimentos e estes se iniciaram quando pela primeira vez teve uma desatenção nas aulas, logo em seguida fora lhe recomendado que fosse a um psicólogo. Este primeiro encontro com a psicologia foi a mola propulsora do que viria a acontecer, no exato momento em que a psicóloga disse “*Você gosta de*

*homem ou de mulher?”* [SIC]. Tal questão o fez não buscar ajuda psicológica durante o período de quatro anos.

### **Compreensão do atendimento.**

No início tive a impressão da presença de uma enorme necessidade de ajuda, mas uma ajuda que pudesse solucionar os seus problemas de imediato. Que pudesse fazê-lo encontrar um emprego e que o levasse em direção à extinção de seus comportamentos disfuncionais.

O fato de se encontrar numa família calcada numa tradição que têm enquanto base apenas as relações heterossexuais enquanto normais, lhe produz um *“enorme sofrimento”* [SIC] uma vez que acaba por ter de lidar com o preconceito e as difamações provenientes do seu núcleo familiar.

Assumir à sua sexualidade perante à família, os amigos e os colega lhe causou um *“severo dano”* [SIC] como também o agravamento de suas predisposições. Antes de ter reconhecido à sua sexualidade homossexual já estava com dificuldades cognitivas no ambiente escolar, a princípio não podemos inferir se essas dificuldades se devem há um processo psicossomático, mas é uma hipótese que pode ser elencada visto que o sujeito se encontrava na puberdade – 14 anos - e com desconhecimento pleno da sua sexualidade e aparentemente em um ambiente extremamente repressivo.

Diante dessas observações clínicas poderíamos inferir que a sua afetividade homossexual estava em processo de ebulição por conta da puberdade, mas pelo fato de estar num ambiente repressivo não foi possível expressá-la livremente, todavia os sentimentos tiveram de dar vazão e esta fora feita através de sinais de falta de atenção. Tudo isto acabou por remetê-lo à psicoterapia n’onde reconheceu sua sexualidade, sua própria existência e toda à angústia e sofrimento que acarretou o exercer de sua mínima liberdade.

Ao decorrer da sessão estive num posicionamento de escuta facilitadora, fiz intervenções visando uma ampliação de sentido, no entanto a pessoa esteve reservada e não se prontificou em me permitir caminhar com ela por meio dessas trilhas. Se restringindo a falar apenas sobre sua solicitação e disse *“Eu queria um atendimento psicológico para resolver os meus problemas. Tem alguma coisa que você pode me dizer para eu conseguir melhorar os meus comportamentos e arrumar um emprego?”* [SIC] respondi dizendo que o autoconhecimento que uma possível psicoterapia poderia proporcionar quando ele viesse a fazer poderia ajudá-lo nessas questões. Terminei perguntando-lhe se havia mais alguma coisa para dizer que não comentou ou que gostaria de mencionar, ele disse que não e assim eu o encaminhei.

## **L.C.A. (37 ANOS).**

### **Descrição do atendimento.**

No início do atendimento à pessoa disse estar sofrendo e que buscava o plantão enquanto forma de aliviar os seus sofrimentos. Estava passando por um tratamento medicamentoso e recentemente teve um infarto. A princípio se queixou de dores musculares e antes de enfartar relatou sentir dores fisiológicas no tórax.

Disse que a causa do seu tormento fora o fato de estar num namoro por um período de cinco de anos e ter se casado e separado dentro de seis meses. A incompreensão da situação que fora gerada e os sentimentos de tristeza à levaram ao tratamento com psicofármacos.

O principal sentimento que à entristecia é o fato de estar se sentindo “*usada*” [SIC], e ter se “*entregado de corpo e alma*” [SIC] e não ter sido correspondida “*à altura*” [SIC]. Disse sentir uma enorme decepção como também o medo [SIC] “*de não conseguir me relacionar com outras pessoas, de não querer mais namorar, de não querer mais estar com outros homens, sou jovem e tenho trinta e sete anos, não quero viver sozinha. Então tenho medo de não conseguir mais confiar em ninguém*” [SIC].

Tentei ao máximo possível estar num posicionamento que permitisse facilitar à expressão afetiva como também gestual das falas e da corporeidade que se desdobrava em prantos e lamúrias.

### **Compreensão do atendimento.**

Conforme passava-se o tempo o acolhimento se constituía de modo paulatino e de maneira crescente. A compreensão nesse sentido fez-se através de proporcionar um espaço facilitador para que pudesse organizar os seus pensamentos e expor os seus afetos com toda sua intensidade e autenticidade que sustentava em si (ROSEMBERG, 1987).

Esse posicionamento de estar para o outro de maneira a deixá-lo usufruir do espaço que proporcionamos sem produzir interferências, mas sempre caminhando na direção que o sujeito nos orienta, me parece ser a “mágica” para qualquer forma de atendimento. Suspender nossos afetos e pensamentos por completo, todavia deixá-los suspensos em nós sem necessariamente perder de vista à existência deles. Deixar o outro conhecer-se e ao mesmo tempo conhecer a si mesmo em atuação.

Aprender atuar clinicamente atuando e através da experimentação, da compreensão, da utilização do corpo que “sente” e que promove à facilitação desvelar sentidos e possibilitar novos horizontes existenciais.

Dentro dessa sessão passei a fazer o processo de “espelhar” os elementos trazidos e enquanto relatava suas dores eu lhe devolvia com suas palavras e com os seus significados inerentes e ao mesmo tempo indagando se o que me trazia era realmente o que eu estava devolvendo (ROGERS, 2017).

Um sentimento de compaixão e afeição emergia enquanto à escutava e o único pensamento que me vinha era “*quero estar aqui*”. Todas às formas de pensamento e afetividade suspendiam-se. Era como se uma espécie de epoché psicoafetiva brotasse de algum lugar desconhecido do próprio ser que habita em mim.

Essa ligação com à pessoa que necessita de acolhimento e eu que acolho, se apresenta a mim enquanto sendo estranha e extraordinária, me causa espanto e medo, sensações de tremor e ansiedade. Não deixa de me causar apreensão e admiração, como também sentimentos de maravilhamento e fascinação.

Durante o período de atendimento busco sempre acompanhar o ritmo da linguagem, do corpo, às tonalidades, conotações e denotações da expressividade que acontece no momento e no encontro. Não sei ao certo o quanto devo fazer o processo de suspensão dos meus juízos, mas sinto que é uma tentação imensa estar nessa posição e não fazer sequer nenhuma forma de intervenção, apenas ouvir e acompanhar, entender e compreender. Nada mais, só estar. Enquanto essas sensações me permeavam ela disse “*Estou sofrendo muito com tudo o que está acontecendo, eu sou da saúde também e preciso estar bem para trabalhar, como posso trabalhar se não estiver bem. É inacreditável que ele tenha feito isto comigo*” [SIC] devolvi-lhe dizendo que ela demonstrava estar sofrendo de modo muito intenso e que se essa afirmação fosse verdadeira, isto queria dizer que esse relacionamento havia de ter um significado para ela, faço uma pausa e lhe pergunto se faz sentido o que digo e ela diz “*Você tem razão. Mas eu fui besta, eu não conseguia ver quem ele era. Ele me fez sentir usada, como se eu fosse uma mulher qualquer, mas eu não sou assim. Eu tenho os meus valores. O problema foi que eu acreditei e idealizei ele, me entreguei de corpo e alma*” [SIC].

Durante toda a sessão à pessoa permaneceu lacrimejando copiosamente, soluçando e imersa em seu estado de planto, após essa última fala digo-lhe que estava sofrendo pelo fato de ter-se sentido usada, pois havia se doada por inteira e esses sentimentos não foram correspondidos na mesma medida, por isso de estar tão mal. Ela desata em choro e diz “*Eu fiquei 5 anos ao lado dele, nunca quis casar e quando ele me pediu em casamento eu disse que não queria, mas ele insistiu e*

*eu casei. Depois de 5 meses ele foi embora e me deixou. Eu havia deixado o meu emprego para ficar com ele e cuidar do nosso lar, mas ele fez isto” [SIC].*

Pergunto-lhe como se sente nesse momento e ela diz “Sinto-me aliviada, mas tenho uma angústia muito intensa dentro de mim. Preciso me restabelecer e voltar a ter uma vida como era antes. Quero estar bem, preciso estar bem. Por isso vim até aqui” [SIC]. Digo a ela que caso precise conversar estamos toda segunda-feira naquele mesmo horário e que volte se assim o quiser. Assim explico como funciona a psicoterapia e lhe pergunto quais são suas expectativas, às quais ela diz “Quero me restabelecer, quero voltar a viver” [SIC]. Respondo dizendo que a psicoterapia é um meio para auxiliá-la nesse processo e ela diz “Tudo bem, muito obrigada. Só os medicamentos não estão dando conta” [SIC].

Dessa maneira acompanho ela até a saída e assim ela se despede, não deixando sua angústia, mas levando ela consigo de volta. A angústia veio e voltou, no entanto provavelmente mais aliviada estava, pois vislumbrava mais uma possibilidade de sair do lugar em que se encontrava.

### **J.M. (47 ANOS).**

#### **Descrição do atendimento.**

J. M. chegou e sentou rapidamente. Deu um sorriso breve e disse “*Estamos aqui*” [SIC]. Perguntei a ele o que o fez buscar o CPA e respondeu dizendo “*Por muitas coisas*” [SIC]. Comentou que não sabia muito bem por onde começar, não falei nada sobre isto e o deixei fazer da sua forma e assim acabou por encontrar o seu próprio início. Relatou sobre o período da sua infância e transitou através de questões do seu cotidiano.

Essa sessão parecia tomar o seu próprio rumo e encontrar às suas próprias veredas. Não interferi, não pausei, mas deixei ir. Fiz o papel de um pleno “nada”, no sentido de que sendo “nada” possibilitei “tudo”.

#### **Compreensão do atendimento.**

J. M. relatou não conseguir “*prosseguir*” [SIC]. Disse nele habitar não conseguir “*levar a vida adiante*” [SIC]. Trouxe-me uma metáfora para explicar como sentia sua existência e falou “*É como se a minha vida fosse uma mochila pesada*” [SIC]. A sua vida parecia pesada, mas só que nem por isso deixou de buscar ajuda – disse eu -. Muito pelo contrário, era segunda-feira dentro de



um horário comercial e lá estava ele em busca de uma “mochila menos pesada”. O peso dessa mochila se dava pela impossibilidade de exercer sua autonomia. Estranho e interessante ao mesmo tempo. J. M. tinha um corpo que pesava por não exercer aquilo que é inerente à condição humana, à busca pela liberdade, escolha e satisfação por elas (AMATUZZI, 2001). Apesar dele ter à escolha de não escolher e isto ser liberdade, ele não tinha enquanto consequência o terceiro elemento: satisfação.

Assim ele dizia “Eu gostaria de dizer para ela que sinto ciúmes. Mas é difícil, às pessoas olham e dizem, isso é bobagem, para com isso. Então eu deixo de lado e nem falo nada. É difícil dizer alguma coisa às pessoas e ainda correr o ônus dela nem ouvir, então para que vou falar? É bem melhor não dizer, mas sinto-me mal com isso” [SIC]. À pessoa demonstra que a sua realidade interrompe o seu processo de espontaneidade, para salvaguardar às boas relações sacrifica sua naturalidade e diz “Aí quando cheguei no psicólogo comecei a falar e ele disse que não era importante falarmos sobre o que eu estava falando por que não tínhamos tempo para discursar sobre a infância. Mas assim, eu cheguei na sala e ele nem me disse o que eu tinha de fazer, então eu comecei falar sobre aquilo que me aparecia e ele simplesmente não me deixou falar. O pior é que ele nem me deu instruções nem nada, simplesmente me deixou falar e me interrompeu quando comecei. Se era para eu falar uma coisa específica por que ele não perguntou o que queria? Por que me deixou falar livremente só para depois dizer que não era isto o que buscava? Aí eu fiquei daquele jeito, sabe? Não falei nada e disse para ele o que queria” [SIC].

Parece que existe um ônus em toda escolha que faz sempre que essa exige dele inúmeras responsabilidades. Basicamente o que ocorre é uma situação na onde ele exerce sua autonomia e sente-se satisfeito, no entanto essa satisfação concorre lado-a-lado com um sentimento paralelo de “peso”. Mas peso do quê? E ele responde “*Peso de ter de conversar com às pessoas, de ter de pedir desculpas, de correr o risco de perde-las, de correr o risco delas não falarem mais comigo ou delas ficarem emburradas. Tudo isso é pesado, por isso prefiro que me mandem fazer alguma coisa, por que daí eu só faço e não tenho que escolher, apesar de se me sentir mal por não fazer as coisas que quero, essas coisas me trazem sentimentos bons de estar sendo algo bom para outras pessoas*” [SIC]. E ele dá como exemplo “*Me lembro uma vez que o chefe de uma cozinha a onde trabalhava ficou mal e alguém teve de assumir a sua posição e justamente eu tomei partido de tal situação. E eu fiz os jantares, os almoços e escolhi os cardápios e o que seria servido ou não. Toda às pessoas do restaurante gostou, fui bem acolhido nas minhas escolhas e foi gratificante esse sentimento de estar sendo bom para os outros. Só que uma funcionária me disse que estava com ciúmes do trabalho que fiz e com um pouco de inveja. Aí nesse momento eu resolvi simplesmente sair do emprego e eu saí. Eu não quis arrumar problema, eu vou arrumar problema por conta dessas coisas? Eu simplesmente quis agir por conta própria e foi bom, mas tem sempre enquanto consequência isso. Eu teria de ir lá, conversar com ela e me desculpar. Teria de aceitar o fato de*



*que ela não iria mais falar comigo e coisas do tipo. Não quis passar por isso, então resolvi sair do emprego, assim eu ia ficar melhor” [SIC].*

Podemos ver que é preferível salvaguardar às boas relações, mesmo que o preço seja não exercer sua autonomia. Por outro lado, é perceptível que exercer sua autonomia traz um sentimento de realização pessoal, mas parece que na percepção do sujeito, isso é sentido como tendo enquanto consequência lógica más relações sociais e problemas, pois teria de lidar com os sentimentos de conflito social. Por um lado, está o sentimento de realização pessoal e más relações, por outro está o sentimento de não realização pessoal e boas relações.

Assim digo a J. M. que me parece que sua vida é sentida por ele enquanto não podendo abarcar boas relações, más relações, realização e não realização pessoal. Podendo ser apenas um ou outro, isto é, satisfação ou insatisfação pessoal. Ele me olha e sorri dizendo “*É verdade, é basicamente isto*” [SIC]. Digo que apesar da mochila estar pesada, ele ainda não desistiu de tentar esvaziá-la, prova disso é que veio buscar ajuda. Ele sorri novamente, mas dessa vez não faz verbalizações. Eu sorrio também e ele me pergunta “*Será você que irá me atender de agora em diante, não é?*” [SIC] eu digo que provavelmente será outra pessoa, mas que caso ele queira continuar vindo ao Plantão tem também outros plantonista que estarão ali para recebe-lo. Ele se despede e me agradece dizendo “*Obrigado por isso. Vou aguardar a ligação*” [SIC]. Eu digo para aguardar e o levo até a saída.

### **B.L.T.S. (17 anos).**

#### **Descrição do atendimento.**

B. L. T. S veio acompanhado de sua avó. A princípio estive com ambos na sala, ouvi sua avó e após ter a escutado perguntei-lhe se gostaria de dizer mais alguma coisa e ela disse que não. Assim disse que iria acompanhá-la até a sala de espera e que dali em diante conversaria com B. L. T. S.

Sua avó trouxe à demanda de que B. L. T. S. estava com uma depressão e que suas notas na escola vinham despencando. Relatou que B. L. T. S estava se isolando e deixando de fazer coisas que antes fazia. Observou também que sua depressão estava fazendo com que ele não conseguisse estudar e obter rendimento escolar. Falou que ultimamente ele “*anda muito triste*” [SIC]. E que “*fica apenas no quarto jogando no computador e não quer fazer mais nada além disso*” [SIC]. Apontou o fato de que ele sempre foi um bom aluno e sempre teve alto rendimento escolar e que agora anda desanimado e cabisbaixo.

Sua avó veio solicitar um tratamento psicológico para seu neto. Após o acolhimento de sua queixa inicial disse – eu - que iria atender seu neto e perguntei-lhe se ela gostaria de dizer mais alguma coisa, à qual respondeu *“Na frente dele não tenho nada a dizer além disso”* [SIC]. Acompanhei ela até à sala de espera e fui para o atendimento de B.

B. L. T. S relatou que não necessariamente estava deprimido e que era um exagero às falas de sua avó. Disse que sua tristeza se referia ao fato de estar tirando notas baixas na escola e estar desmotivado. Também disse que o fato de não ter permissão para fazer coisas que os adolescentes comumente fazem o deixava mal, como por exemplo sair de casa ou chegar tarde da noite. Acrescentou que também não pode conversar com sua avó sobre o seu namoro e que isso o entristece, pois gosta de compartilhar com ela seus sentimentos.

No segundo encontro B. L. T. S abriu um sorriso e disse *“Aconteceu muitas coisas essa semana”* [SIC]. Começou descrevendo os últimos acontecimentos e como eles estavam relacionados a sua *“disposição”* [SIC]. Contou sobre o fato de ter se aberto para sua avó e dito a ela sobre o seu relacionamento, tomou iniciativa para adotar um animal de estimação e sobre ter conversado com a orientadora escolar sobre sua possível saída do estabelecimento escolar. Disse sobre como alterou às suas disposições e falou em *“estar leve”* [SIC].

### **Compreensão do atendimento.**

B. L. T. S iniciou dizendo *“Essa depressão que minha vó fala, não é bem assim uma depressão. Ela teve depressão e o que sinto não chega a ser depressão. Eu estou triste apenas”* [SIC]. Digo a ele para falar-me desse sentimento de tristeza, o qual ele diz *“Ah, eu não quero sair muito. Sinto desanimo e quero ficar em casa um pouco”* [SIC]. Pergunto a ele o que significa estar com essa tristeza e ele diz *“Estou assim por que peguei dependência em algumas matérias na escola. Eu sei a matéria, mas quando vou fazer a prova, eu faço a prova e tenho certeza das respostas, mas quando vem o resultado eu tiro nota baixa. Isso dá um desanimo, por que eu penso que sei a matéria e o resultado vem com nota baixa”* [SIC].

Ele me fornece um porquê da sua tristeza. Sua tristeza é pelo fato de seu conhecimento escolar não corresponder necessariamente às exigências da escola. Ele tem um conhecimento, mas parece que esse conhecimento não é válido para os parâmetros escolares. Discorre que sua tristeza provém de uma série de fatores, um deles é por estar num relacionamento afetivo mas não poder compartilhar deste com sua avó. Ele esconde esse relacionamento ou ao menos evita falar sobre este. Passa então a falar *“Minha vó não me deixa fazer algumas coisas que gostaria de fazer. Eu queria por exemplo levar alguns colegas em casa. Mas ela sempre fala que não faz bem para os estudos. Os meus amigos fazem um monte de coisa, como por exemplo sair. Eu não posso sair, ela*

*não deixa*” [SIC]. Pergunto a ele se o que está me dizendo é na verdade, que está buscando um pouco mais de autonomia e de liberdade para fazer algumas coisas e ele diz “*É mais ou menos isso*” [SIC].

Então relata que vê pouco sua mãe, que sua avó não dá espaço para isso e que gosta muito dela apesar dela não ser presente. Exploro a relação dele com a mãe e ele revela que no início quando ela foi embora sentiu-se triste e magoado, mas que depois o sentimento desapareceu conforme o tempo passava.

Pela primeira vez numa sessão de Plantão tive a sensação de que uns dos atributos fundamentais da fenomenologia, isto é, o significado e o sentido das coisas não necessariamente compareciam ali. As minhas perguntas que tencionava a produzir uma reflexão, o fazia na verdade buscar a causa e a explicação de sua tristeza. Não me parecia uma elaboração, mas uma descrição dos fatos e por sua vez um sucessivo entendimento desses. AmatuZZi (2001) nos diz sobre uma fala originária e são exatamente essas que produzem transformações. Me pareceu haver apenas falas secundárias, o falar sobre falas. Não houve o dizer, mas sim o falar.

Percebi que suas respostas em busca de causas era o meio pelo qual intencionava alcançar o sentido. As coisas tinham sentido na medida que se compreendia o que era. A “coisa mesma” não estava dada e não se mostrava, apenas se voltava e voltava para o fundo de si em busca da “coisa”. A fenomenologia real nessa sessão foi justamente essa fenomenologia que permitiu a busca das causas e não do sentido. O sentido para B. era às causas e não o significado.

Vislumbrei uma fenomenologia não do sentido ou do significado, mas sim uma fenomenologia das coisas que aparecem, mesmo que essas coisas sejam causas e não sentidos. Uma sessão como essa trouxe-me a ideia de que a fenomenologia é meramente o fenômeno, seja ele qual for, no fenômeno a pessoa fornece uma direção para este.

Os fenômenos apareceram, mas não houve uma relação para com eles de elaboração, de resignificação, de sentido ou de compreensão, mas sim de entendimento das causas e explicação dessas.

Existem conteúdos que às pessoas trazem que não podem ser abordados pelo viés do sentido, significado ou compreensão, justamente pelo o sujeito não ter essa relação com esses fenômenos, mas sim uma relação de análise e diagnose. No caso desse adolescente, o único sentido para com os seus fenômenos de tristeza, isto é, a sua única forma de relação para com os seus fenômenos de tristeza era de uma descrição e causa da existência deles.

No segundo encontro descreveu em como sua disposição fora alterada por conta de alguns acontecimentos na sua semana. Parece que B. tomou iniciativa para produzir uma série de significações que até então não produzia.

Disse se sentir “*estar leve*” [SIC] e com “*disposição*” [SIC]. Falou em sobre como as coisas mudam quando se consegue algumas coisas. Disse que está elaborando com sua orientadora escolar sobre sua possibilidade de ir para alguma outra escola onde se sinta confortável. Também relatou o fato de que iria fazer uma adoção após a sessão de um gato e que ele tinha um na sua infância e que faz “*falta ter um bichinho, eu gosto dele*” [SIC].

Segundo ele essas alterações modificou os seus sentimentos de tristeza e também os seus comportamentos de isolamento passando a estar mais presente com sua avó e os seus colegas. No entanto, disse que o seu desânimo pela escola não alterou e falou “*Não adianta persistir no mesmo erro, eu já venho algum tempo tentando estar nessa escola, mas eu não me adapto, não consigo. É estranho estar lá, por isso consultei minha orientadora e conversei com ela sobre a possibilidade de sair. Falei com minha avó também e ela aceitou... sem aceitar*” [SIC].

Perguntei a ele como se sentia diante dessa nova condição na qual sua tristeza desaparecia, disse também como ele via nesse momento a questão da psicoterapia na qual semana passada ele afirmou que aceitaria estar fazendo e ele falou “*No momento não vejo que preciso, no momento não. Estou me sentindo bem, mas caso eu precisasse eu faria*” [SIC].

Assim finalizei a sessão dizendo que o plantão estaria aberto caso precisasse de algum acompanhamento e orientação.

**S.G.S. (42 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

Fiz o atendimento de S. e ela sentou-se numa distância razoável, fazia pouco contato visual. Assinou os termos necessários para o início do acolhimento e logo voltou a sentar-se numa cadeira que escolhera. Demonstrou uma agitação motora através do seu movimentar na cadeira. Olhou-me atentamente e disse “*Posso falar?*” [SIC]. Deixei com que sua fala fluísse e não a interrompi. Durante a maior parte da sessão se desdobrou em dizer o que passava-se com si, muitas vezes voltava no mesmo assunto, ora para dizer o quanto lhe “*fazia mal*” [SIC] tal temática e ora simplesmente por que voltava.

O principal tema abordado é sobre o filho de 8 anos, mas a conversa ganha novos caminhos e nessa estrada aparecem outros tópicos, como o filho de 4 e 15 anos, como também o próprio casamento.

As intervenções aqui produzidas tiveram o intuito de expandir o discurso e de permitir um maior desdobramento. Houve também um momento n'onde me permiti produzir uma orientação de pais, uma vez que ela estava trazendo dúvidas em relação ao desenvolvimento psicológico de seu filho mais velho e de sua conduta enquanto mãe. Aqui neste ponto me utilizei da teoria do desenvolvimento como base e apoio para minhas recomendações.

No atendimento (2) busquei S. na recepção e ela deu-me um “*boa tarde*” [SIC] com um sorriso. Levei-a até a sala e após acomodar-se ficou olhando-me e perguntou “*Posso começar?*” [SIC]. Eu disse sim através de um acenar de cabeça - mas sem expressão verbal - e assim ela começou.

Durante o transcurso da sessão falou sobre sua decisão de separar-se e questionou sobre como poderia fazer essa comunicação aos filhos sem que os “*machuca-se*” [SIC].

Esse período que decorreu entre o início da sessão e o término houve uma fala constante sem interrupções e nos momentos de pausa, logo em seguida havia acréscimos. Às minhas intervenções se fizeram no sentido de compreender o que significava essa escolha, quando ocorreu essa elaboração e no que implicava ou qual era o seu sentido, como também que possibilidades se abriam a partir disso.

No encontro (3) logo no início do encontro disse “*contarei o que aconteceu*” [SIC]. E relatou o que fez quando saiu da última sessão. Disse que havia feito tudo o que pensou em fazer e não deixou de fazer nenhuma de suas escolhas e que destas, tinha “*certeza*” [SIC].

Trouxe os últimos acontecimentos sobre sua separação, como o fato de ter comunicado ao seu futuro ex-marido sobre sua decisão. Falou sobre suas dificuldades em arrumar emprego, sobre os “*sonhos*” [SIC] de conquistar a sua “*liberdade*” [SIC] e principalmente a questão sobre os valores morais que ela quer manter enquanto mulher, de ser tratada com respeito e dignidade, como também sobre às maneiras e os modos de educação que quer promover para os seus filhos, uma vez que percebe que à educação se faz através do exemplo “*Como posso dar uma vida melhor para os meus filhos, se eles me veem sendo desrespeitada pelo o pai? Cadê o respeito? Que educação eles terão?*” [SIC].

Fiz o exercício de compreender os seus planos e tentei identificar o seu rol de objetivos que tinha em mente, mas sem muito aprofundar-me, pois intuía apenas ter uma visão panorâmica do que até então se passava em seu ser.

No encontro (4) foi discutido às questões referentes ao casamento e ao fato do ex-marido não ter saído de casa até aquele momento. Parecia que S. G. S. tinha uma pauta em mente para discutir, tanto que disse “*Tenho algo para te dizer. Posso?*” [SIC]. Afirmei que poderia e ela discorreu dizendo sobre uma ideia que vinha pensando já há algum tempo. Olhou-me fixamente e disse “*Às vezes eu penso. Sabe? Mas penso nisso enquanto uma possibilidade se eu não encontrar emprego,*

*mas eu penso. Penso em ser uma dessas mulheres que está na rua. Sei que é nojento, mas penso nisso caso eu estiver passando por muita necessidade” [SIC].*

Acolhi essa ideia durante à sessão e perguntei o que ela achava “*Eu? Eu? Eu posso achar alguma coisa? Meus Deus... Aí Alan... Eu acho legal... Que vergonha...*” [SIC]. Dessa resposta logo em seguida emerge um silêncio - o qual não foi interrompido durante à sessão -.

Esse silêncio é interrompido através da comunicação – de minha parte - de que o Plantão só voltaria a funcionar em agosto, uma vez que teria esse período de interrupção e após isto ela poderia estar ligando para saber às datas de início e os horários e que caso quisesse retornar os plantonistas estariam aqui para acolhê-la. Assim à sessão é finalizada e eu acompanho-a até à saída.

### **Compreensão do atendimento.**

O Plantão possui uma prática psicológica própria, não é engessado em modelos de triagem e psicodiagnósticos tradicionais, o plantonista é aquele que escuta às histórias e experiências, dirigindo-se ao sofrimento. Assim modos de cuidado psicológico se mostram tanto para o terapeuta quanto para a pessoa (MORATO, 2009).

No primeiro encontro S. trouxe-me sua principal questão daquele momento: seu filho de 8 anos. Ela disse “*Bom... Estou vindo aqui por que o meu filho de 8 anos, está muito desatento na escola. Ele fica só no mundo dele, não fala com ninguém e está constantemente perdendo o foco das atividades*” [SIC]. Eu perguntei como se sentia em relação a isto e ela disse “*É complicado viu Alan, por que eu não sei mais o que fazer com ele*” [SIC] perguntei se quando ela disse que não sabe mais o que fazer, se isto significava que ela já tentou de tudo, ela afirmou que sim e disse “*Já tentei bastante coisa. Veja só... Eu levo ele para passear, levo para a escola, em casa cuido dele e ele sempre está me dizendo que não sabe por que tem esse comportamento de querer ficar sozinho*” [SIC].

Ela parecia sofrer com o comportamento do filho, comportamento este que pareceu ser reprovado socialmente. Lhe perguntei se existe mais alguma coisa acontecendo além disso e ela disse “*Ah... tem... e se tem...*” [SIC]. Nesse momento fiquei em silêncio e não disse nada, aguardei às suas reticências e ela se pôs a falar “*Em casa ele faz isto também... Mas é difícil ter de cuidar de tudo sozinha, sabe? É difícil demais...*” [SIC].

S. é muito gestual e fez diversas expressões faciais enquanto falava, suas sobrancelhas balançavam e os seus olhos se reviravam de uma maneira intrigante. Fiquei a observá-la nesse momento de pausa, ela também não disse nada como se esperasse que eu lhe perguntasse algo muito específico para que ela se pusesse a falar e então diante desse sentimento e essa sensação



perguntei se ela cuidava sozinha dos seus filhos. Ela desatou a falar “*Cuido, pois o pai... Cuidar... cuidar... não cuida... mas ajuda de vez em quando em alguma coisa. Mas cuidar... cuidar... cuidar... não cuida não*” [SIC].

Pareceu existir em S. um certo receio em dizer o que sentia em relação ao esposo, não sei ao certo de onde surgiu esse pressentimento, mas é justamente com esse pressentimento que fiz à próxima intervenção perguntando que é visível o fato de que o esposo não cuidava dos filhos de uma forma que satisfaça às expectativas que ela tem. Ela confirmou essa afirmação e eu prossegui dizendo, mas no entanto parece também que ele cuida das crianças e esse cuidar satisfaz alguma necessidade ou expectativa sua, aí ela disse “*Isso é verdade Alan... Isso que você diz é verdade, mas... cuidar... cuidar... ele não cuida*” [SIC].

Eu falei, mas que tipo de cuidado é esse que você diz “*cuidar... cuidar... ele não cuida*” [SIC]. Daqui em diante ela seguiu dizendo “*Ele não cuida Alan. Ele chega em casa 3 horas da manhã e isto faz muito tempo já. Eu nem sei o que ele está fazendo por aí. Às crianças precisam de apoio e elas perguntam a onde está o pai e eu respondo que está trabalhando. Na verdade, até as crianças sentem falta dele. Ele nunca me comprou uma roupa, às roupas que tenho são roupas de doação, o sofá da sala é doação. Tudo é doação. Ele não cuida nem de mim parece*” [SIC]. Nesse momento ela mudou de assunto e disse sobre o filho adolescente e falou que o seu comportamento está estranho desde dos seus 12 anos. Naquele momento pensei que seja provável que por ter adentrado na fase da adolescência os seus comportamentos se alterarão e ela disse “*Sofro muito, por que não sei a onde errei. Ele não me escuta e ele está sempre fazendo tudo ao contrário do que eu digo*” [SIC]. Nesse momento perguntei a ela se ele sempre foi assim e ela disse que não, perguntei também se os outros filhos dela lhe dão algum problema e ela disse que não. Novamente perguntei se ela tem amigas com filhos da idade do seu filho mais velho e ela disse que sim. Perguntei sobre essas amigas e em específico quantas são e ela disse ser 4 amigas que tem filhos com a idade do filho dela. A partir disso indaguei se elas conversam sobre os filhos e ela disse “*Sim*” [SIC]. Perguntei também sobre o comportamento deles e no caso se os filhos das amigas dela “*dão pouco problema*” [SIC] e ela disse “*Dão problema sim Alan*” [SIC]. Disse a ela se ela sabe o porquê e ela disse que não. Afirmei que é comum na fase da adolescência os filhos se rebelarem contra os pais, de não seguir nenhum preceito de nenhuma autoridade – seja paterna ou materna -, como também terem à plena certeza de que estão “certos” e ninguém mais o está além deles mesmos. Nisso ela falou “*Nossa Alan, isso é verdade. Que coisa engraçada. Isso ajuda muito, por que me traz um alívio*” [SIC]. Logo em seguida afirmei que isto não quer dizer que ela não deva estar acompanhando o desenvolvimento do filho, nesse momento ela fala “*Eu entendi Alan. Muito bom isso. Eu devo continuar cuidando dele... mas agora sei que é normal dessa fase esses comportamentos. Por que minhas amigas conta a mesma coisa... Eles não gostam de escola... parece*” [SIC]. Nesse momento ela riu e eu perguntei se poderíamos finalizar à sessão e ela disse



que sim, me agradeceu dizendo “*Muito obrigado por isso*” [SIC] disse a ela que caso precisasse que poderia voltar ao plantão que ali sempre teria plantonistas para atendê-la.

O segundo encontro foi no mínimo incomum. Ela marcou retorno de modo compulsório, pois eu não havia marcado retorno com S. ou poderíamos dizer que foi um encontro sem o senso de concordância de uma das partes – no caso da minha -. Provavelmente compareceu no estabelecimento da Clínica e disse o meu nome, dizendo que estava agendado o retorno comigo. Pois bem, dito isto prossigo.

Ela iniciou sua fala dizendo “*Vim comunicar você Alan*” [SIC]. Estava atento às suas falas e ela disse “*Vim comunicar que irei me separar. Ninguém irá tirar essa ideia da minha cabeça. Não quero mais... já decidi. Irei fazer isto amanhã às 7 horas e vim aqui te dizer isto. Quero que você saiba. Eu vim pensando nisso nessas últimas semanas. Desde do nosso último encontro. E pensei que poderia fazer isto... Na verdade eu posso fazer. Eu já passei por tanta coisa Alan, você não sabe, mas eu já passei*” [SIC]. Lhe perguntei como estava diante dessa decisão e ela respondeu “*Estou me sentindo ótima. Finalmente vou fazer tudo o que quis fazer na minha vida. Deixei de fazer muitas coisas que queria. Hoje penso muitas coisas Alan. Às vezes penso que eu poderia ter apontado os meus dedos em outra direção e ter olhado de uma outra forma para minha realidade. Talvez não tivesse perdido tanto tempo, sabe? E se eu tivesse dito, esse homem não, talvez seja aquele outro, haveria de ter sido diferente. Assim não teria passado por tudo o que passei*” [SIC]. Fiquei ouvindo tudo o que disse e perguntei: pelo o que você passou S., nesse momento chorou e disse “*Passei Alan, passei por muita coisa. Se não fosse esse lugar – vocês estão me ajudando demais... eu e os meus filhos -. Vou te contar...*” [SIC]. E ela disse “*Sabe Alan, eu sempre quis cuidar dos meus filhos. Sempre quis ser uma esposa. Teve um determinado momento da minha vida onde me vi sendo traída pelo o meu esposo, aquele dia foi horrível. Essa mulher com quem ele começou a sair, morava perto de minha casa e eu nem conhecia ela. Mas teve um dia quando estávamos fazendo o aniversário do meu filho mais novo e você acredita que ele compareceu com a amante na festa? E ele começou a conversar comigo numa roda onde estava nós três juntos como se nada estivesse acontecendo. Que coisa humilhante, eu queria matá-lo e matar essa mulher. Como ela tem coragem de vir na minha casa e melhor como ele teve coragem de fazer isto comigo?*” [SIC].

O seu choro é sofrido, mas nem por isso este esgota o que tem para dizer e falou “*Quantas vezes tive de ouvir um cala boca, por quantos maltratos tive de passar. Eu nunca recebi um elogio ou uma palavra de ternura, nem boa tarde recebo, pois nem a tarde ele lá está. Sempre chegando de noite e isto faz um bom tempo já*” [SIC]. Disse a ela se ela sente que está sempre cuidando e disposta, mas que no entanto o seu cônjuge não corresponde na mesma medida. E ela disse “*Sem dúvida. Eu estive sempre em casa cuidando das coisas. Eu tenho sempre que pedir para fazer as coisas. Sempre quando ele conversa com uns dos garotos é sempre para mandá-los fazer algo.*

*Uma vez ele disse para às crianças ficarem quietas. E eu falei ficarem quietas nada, você está pensando que está falando com quem? Eles são os meus filhos e ninguém manda os meus filhos ficarem quietos. Quem deve ficar quieto é você. Quem deve sair é você” [SIC].*

Após ter dito tudo, lhe perguntei qual é o significado dessa escolha e qual o sentido de estar escolhendo fazer o que escolheu e ela disse *“Isso significa muito para mim, pois poderei arranjar um emprego por exemplo e cuidar dos meus filhos. Eu nunca pude comprar minhas coisas, agora poderei comprar minhas coisas. Nunca pude ir num salão de beleza, agora poderei ir no salão simplesmente fazer o cabelo. Não quero mais depender dele para fazer as coisas. Ele só promove o mínimo para nós. Ele recebe bem, mas eu havia chegado num ponto tão extremo que tive de ir atrás de bolsa família pelo fato dele não prover a casa de modo justo. Meu Deus, 15 anos perdido” [SIC].* Disse a ela que apesar de ela ter tido essas experiências dolorosas, essas mesmas experiências permitiram ela ter um aprendizado sobre a vida que ela veio levando até então. Falei também que nós somos feitos das marcas que se encontram em nossas histórias e que nesse momento à história dela estaria sendo reescrita e o mais importante era que o autor nesse momento era ela mesma. Ela sorriu e disse *“Minha história. Verdade, estou reescrevendo ela da minha maneira” [SIC].* Disse a ela que sim, que estava reescrevendo e assim confirmei sua afirmação. Nesse instante encerrei à sessão dizendo que ela poderia voltar ao Plantão caso precisasse e ela insistiu me perguntando *“Amanhã? Amanhã você irá me atender?” [SIC].* Disse a ela que não iria atendê-la no dia seguinte, mas que todas segundas-feiras naquele mesmo horário ou no horário da manhã e da noite, havia plantonistas para atendê-la caso precisasse e eles estariam ali para ela. Ela me falou *“Tudo bem, muito obrigada” [SIC].* Despedi-me dela e levei-a até a saída.

Em nosso terceiro encontro o mesmo ocorrido da última vez ocorreu. Mais uma vez ela voltou até mim através do retorno e conseqüentemente um retorno que supostamente foi solicitado por mim – o que não aconteceu -.

Enquanto buscava-a para adentrarmos na sala, tocou-me no braço e disse *“Você acha que consigo uma fonoaudióloga para o meu filho, aqui pela unip?” [SIC]* nesse momento disse a ela que ela teria de buscar informações, ao qual ela acabou replicando que provavelmente encontraria. Logo em seguida entramos na sala e iniciamos o nosso encontro.

Já no prenúncio anunciou-me *“Eu fiz Alan. Finalmente consegui. Eu fui atrás da minha advogada e conversei com ela” [SIC].* Perguntei como está se sentindo nesse momento depois de ter realizado algo que buscava. E ela diz *“Me sinto bem melhor, mas é complicado viu. A minha vida anda assim, desse jeito” [SIC].* Eu disse: desse jeito como? E ela respondeu *“Parece que ele não entende Alan. Eu conversei com ele e mostrei os papéis e falei de minha decisão, no entanto ele continua lá em casa. Ele não saiu acredita?” [SIC].* Nesse momento fiquei um pouco atônito e perguntei se durante essas semanas que ela pediu o divórcio se ele continuava morando lá como se nada estivesse acontecendo e ela disse *“É basicamente isto, na verdade é isto que está*

*acontecendo. Ele está vivendo como se não tivesse acontecido, ele continua chegando em casa no mesmo horário. Nada mudou...*” [SIC].

A partir desse momento percebi que o seu ex-marido está tratando-a de maneira negligente como se dissesse que não está incomodado e que caso esteja incomodada que se mude ela. Fiquei com essa compreensão e não à expressei, após alguns segundos ela diz “*E ele falou para mim que não vai se mudar por que a casa é dele, então se você quiser se mudar que se mude, mas que ele irá ficar*” [SIC]. Nesse momento percebi que a minha compreensão estava próxima do que ela falou e disse a ela que ele está lidando com a situação de maneira negligente como se não estivesse incomodado e colocando-a numa posição de que ela é a única incomodada e que, portanto, quem deve se mudar é ela. Com isso ela disse “*Sim, exatamente. Os incomodados que se mude, não é? Mas não será assim. Essa semana irei atrás dos documentos e provarei juridicamente que tenho direitos à aquela casa. Por que eu não quero. Ele não vai ficar nessa casa e ele vai sair sim. Na onde já viu uma pessoa tão burra. Ele é tão burro, como pôde ser tão burro assim?*” [SIC]. Com essa exaltação na qual ela se colocou pergunto a ela quais são os motivos dela achá-lo burro e ela diz “*Uma pessoa assim não pensa, por que se pensasse saberia que tem filhos e que deve cuidar desses filhos. Ele não me respeita, nunca me respeitou. E ele continua me desrespeitando depois de tudo*” [SIC].

Nesse momento perguntei como ela se vê de agora em diante sendo uma pessoa que não está mais casada. Aqui ela faz uma pausa e diz “*Eu sempre busquei isto. A única coisa que quero agora é cuidar de meus filhos e promover uma educação para eles. Assim eles poderão respeitar às pessoas que estejam em torno deles*” [SIC].

Aqui parecia haver um tom circular no seu discurso, como se este não pudesse fazer outra tessitura que não esta que retorna sempre ao mesmo ponto. Esse fenômeno é muito parecido com o que Amatuzzi (2001) chama de fala secundária, uma fala de “falatório”.

S. vivenciou uma vida n’onde dificilmente tinha acesso às coisas materiais que hoje são acessíveis às mulheres na modernidade. O fato de ter tido filhos não anulou os seus sentimentos de aspiração de uma plena liberdade. Durante esse período não pôde exercer nenhuma profissão e toda forma de provenção material se originava de seu ex-marido, assim se colocou numa situação de dependência financeira. Parece que aos poucos o seu casamento foi se desmoronando com o primeiro ato de infidelidade por parte de seu parceiro e logo após adveio os comportamentos de chegar tarde da noite em casa e às vezes até mesmo de não voltar. Assim houve muitas vezes n’onde o esposo “*não vinha para casa*” [SIC].

Esse período da sua vida viveu de forma “*humilhante*” [SIC] e sobre os comentários sociais de que de que o esposo não voltava para casa. Uma das coisas que permitia ela seguir e dar

continuidade na sua existência era sua fé religiosa “*Eu sou cristã e quero ser uma pessoa de Jesus Cristo e estar com ele*” [SIC].

Todavia após 15 anos de casamento e justamente no transcurso desse relacionamento começou a alimentar sentimentos de que não necessariamente era isto que buscava para sua vida. Percebeu aos poucos que tinha uma rede de apoio muito bem estabelecida, “*minhas irmãs me apoiam - e muito - nas minhas escolhas*” [SIC]. Tinha também o seu sogro que morreu e que considerava um “*pai*” [SIC] este disse a ela que a casa na qual eles moravam na verdade era dela. Logicamente que não fora nada legislado juridicamente, no entanto simbolicamente foi extremamente significativa essa fala de seu sogro e isto a marcou profundamente tanto que recorda dessa fala e a repete constantemente. Além disso essa fala subsiste nela enquanto sendo uns dos motivadores que a faz ir atrás dos documentos que comprovem o seu direito nessa propriedade. Assim S. G. S. se vê diante da possibilidade de conquistar o que sempre quis. Hoje é possível, antes não o era pois “*Não sabia muito bem o que estava fazendo de mim, hoje sei*” [SIC].

Tentei ao máximo possível produzir às atitudes que permitissem um ambiente facilitador, através da congruência, da empatia e da aceitação positiva incondicional facilitar à expressão e a comunicação sobre aquilo que estava sendo dito e se aquilo que estava sendo dito era realmente o que eu estava entendendo (ROGERS, 2017).

A prática produzida durante esses encontros pode ser considerada Plantão, desde que este seja compreendido com base na experiência que fora produzida por mim. Em minha experiência pessoal com às pessoas que atendi, visualizei o fato de que o Plantão abarca uma pluralidade de intervenções que podem ser feitas pelo estudante de psicologia, seja uma orientação de pais, um encaminhamento para psicodiagnóstico ou psiquiátrico e até mesmos à prestação de informações sobre o ciclo vital.

Os efeitos que o acolhimento no Plantão produz na pessoa são variados e múltiplos, às vezes uma orientação de pais promove um ganho de sentido como também à emergência de soluções próprias. Parece que o sentido sempre é produzido no momento em que é sentido pela à pessoa que de modo parcial ocorre uma resolução da sua problemática existencial. Nessa via o sentido é, *o desenvolvimento de significados para uma experiência antes ausente destes.*

Sinto que existe a necessidade de uma reflexão sobre os critérios que definem o campo do Plantão Psicológico, mas uma reflexão que englobe variáveis sociais, econômicas e políticas. Pois essa prática se encontra dentro uma sociedade, uma cultura e tudo o que se encontra dentro dessas condições é demarcado por estas.

## **E.L.S. (11 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

Busquei E. L. S na recepção e fomos caminhando para a sala de atendimento. Seguiu o percurso silenciosamente. Adentrando na sala ficou parado de pé, perguntei-lhe se gostaria de sentar e ele disse “*Sim*” [SIC], mas ficou parado vislumbrando às infinitas possibilidades de assento. Após um determinado período de tempo sentou-se. Ficou olhando-me e sorrindo. Percebi que ele não iniciaria sua fala e por isso produzi um estímulo inicial apresentando-me e dizendo-lhe que tudo o que ele precisasse dizer ou falar - naquele espaço - era permitido, pontuei logo em seguida que nada do que fosse falado seria dito e que tudo ficaria entre nós – eu e ele -. Ficou olhando-me e observando-me durante esse tempo – 10 minutos -. Disse a ele que agora teria de falar brevemente com sua mãe e se gostaria de ficar no ambiente ou na sala de espera, acabou se decidindo por ser retirar da sala.

Levei-o até à sala de espera e chamei sua mãe para um breve encontro. Ela narrou-me que o seu filho tem um problema na fala e que chora por coisas “*pequenas*” [SIC]. Além disso, que tem dificuldade de socialização e geralmente brinca pouco na escola. Perguntei-lhe como se sentia em relação a esses fatos e disse “*É difícil sabe... Eu tive depressão pós-parto e eles nasceram prematuros*” [SIC]. Disse a ela que através de seu corpo – ela - me demonstrava sentimentos de emoção e ela disse “*Sim... Eu fico muito emocionada quando falo sobre os meus filhos*” [SIC]. Nesse momento digo que ela parece conter muitos sentimentos em relação aos próprios filhos, sentimentos esses que guardou por muito tempo. Logo em seguida digo que poderá – caso queira – compartilhar esses sentimentos com um profissional que estará ali apenas para isto e que esta sessão foi um breve encontro para conhecer melhor a condição em que se encontrava seu filho, uma vez que irei atendê-lo e que dali em diante ela estaria sendo atendida por outro profissional. Ela consentiu com essa fala e eu apresentei-a para à estagiária responsável de seu atendimento.

Busquei novamente E. L. S e nós retornamos para a sala. Sentou-se numa das cadeiras e perguntou-me dessa vez o que era esse quadro atrás de mim. Respondi-lhe que era uma lousa e se gostaria de fazer alguma coisa nela e ele disse “*Sim*” [SIC]. Perguntei-lhe se ele sabia escrever, a princípio disse “*Não*” [SIC], mas logo em seguida iniciou uma escrita. Nesse momento digo a ele que ele sabe escrever, mas só que ele havia dito que não, e lhe questiono o porquê de tal ato de dizer “*Não*” [SIC]. Ele responde “*Não sei*” [SIC], um “*não sei*” lento e vagaroso, quase mesmo não terminando de expressar à construção frásica.

Logo em seguida ele me sugere jogarmos jogo da velha e eu aceito. Deixo ele ganhar a maior parte das partidas e ele ri de todas as vezes que ganha me explicando às minhas falhas e os meus

erros. Dalí em diante me pergunta qual time torço e eu digo que é Palmeiras e ele desata a rir dizendo que é corintiano. Me contou algumas histórias sobre futebol – experiências futebolísticas que teve ao lado do irmão -, disse-me que não gosta de estudar quando lhe perguntei sobre a escola, mas que gosta de ciências, português e educação física, menos matemática. Diz também gostar de jogar queimada e futebol na escola, além de jogar futebol em casa com o irmão e no videogame.

Depois de jogarmos algumas partidas e conversarmos ele senta-se. Nesse momento digo a ele que fiquei sabendo por meio de sua mãe que às vezes ele fica distante dos colegas na escola e lhe pergunto o que ele sabe sobre isso. Ele me diz *“Na verdade, ninguém me chama para brincar. Aí eu não vou. Eu fico triste com isso. Antes os meus colegas me chamavam, agora eles não chamam mais. Aí eu fico lá”* [SIC]. Pergunto a ele o que ele faz quando isto acontece, quando fica triste e ele diz *“Eu fico triste apenas. Não sei”* [SIC]. Após isso digo a ele que a mãe dele me contou também sobre o fato dele chorar muito. Ele apenas me olha sem dizer nada e fala *“Não sei”* [SIC], me fala um *“não sei”* lento e vagaroso – como da última vez -. Constantemente produzia expressões corporais, sendo muito gestual. Passava as mãos sobre os olhos, coçava à cabeça, colocava à ponta do dedo no queixo e olhava para os lados sorrindo. Eu, ao estar visualizando esse fenômeno lhe pergunto por que está sorrindo e digo-lhe que frequentemente ele sorri, mas não diz às razões para tal. Ele inicia a falar e não fala... Nesse momento digo a ele que me parece que ele iria dizer alguma coisa, mas que deixou de falar. Ele me sinaliza positivamente o que eu disse e fala *“Sim... Eu... Iria... Dizer... Mas.... Não disse...”* [SIC]. Novamente uma fala muito lenta e vagarosa comparece. Nesse momento eu falo que as vezes eu também quero dizer algumas coisas, mas no meio de minha fala eu perco a vontade. Ele dá uma gargalhada nesse momento e os restos de sua gargalhada se prolonga através de um sorriso brando e suave que se direciona ao chão, uma vez que sorri com a parte craniofacial inclinada para o sul.

Nesse momento repasso todo o atendimento. Dizendo a ele que ele havia dito que estava na 5ª série e que gosta de futebol e queimada. Que torce para o Corinthians e não gosta de matemática, mas adora ciências, português e educação física. Que o seu dia preferido na semana é o dia da educação física pois ele pode jogar queimada e futebol. Falei sobre o fato dele gostar de estar em casa com o seu irmão, falei também que às lembranças que ele tem dos dias que jogava bola com o irmão, são lembranças que gosta muito. Disse também que conversamos sobre o fato de ficar triste por que os colegas não o chamam para brincar e que, sobre a questão de chorar demonstrou-me saber muito pouco sobre o assunto.

Após isto pergunto a ele se gostaria de dizer mais alguma coisa, de fazer algum comentário ou mencionar algo que não mencionou, mas que gostaria de mencionar. Ele acena com a cabeça expressando uma negativa. Nisso digo a ele que gostaria de vê-lo na semana que vem e sugiro a ele pensar até o dia do nosso próximo encontro no que havia acontecido em nosso atendimento. Assim o acompanho até a sala de espera e o deixo aguardando sua mãe.



### **Compreensão do atendimento.**

E. L. S. é uma criança com uma voz que não corresponde ao seu estágio de desenvolvimento. Tal fato já fora diagnosticado por um profissional – fonoaudiólogo -. Em nosso encontro pareceu demonstrar gostar muito de seu irmão e carregar lembranças dos seus momentos juntos. Sua mãe havia dito que “*Ambos são muito colados e estão sempre juntos. Se um fica mal o outro fica também, eles são assim. Estamos tentando deixá-los mais autônomos. Não estamos mais chamando eles pelo os nomes diminutivos*” [SIC].

Às experiências que ele teve ao jogar futebol com o irmão, se lembrava delas com um sorriso e uma alegria sem tamanho. No momento em que relatava... Eu me encontrava lá – eu era remetido à essas lembranças -, como se fosse um observador de um fenômeno que se realizava em minha frente – mas que acontecia apenas com ele -.

O dizer que o Amatuzzi (2001) expõe, parece que além de ser um processo n’onde algo em nós se transforma, *algo em nós - também - se abre*. Esse algo que em nós se abre talvez seja a brecha ou fenda que se escancara nos processos de transformação, onde rupturas acontecem e laços afetivos se regeneram nos dando outra percepção de uma mesma realidade, mas que agora já é outra por percebê-la diferente.

E. L. S. pareceu ter lembranças *vivas* que carrega consigo. Não sei ao certo se é um garoto sensível - não poderia dizê-lo em tão pouco tempo -. Mas posso inferir à existência de um potencial para uma intensa sensibilidade. Eu senti que ele é um garoto *que sente o mundo*. Tantas às experiências boas, quantos aquelas que considera não sendo boas.

### **G. (3 anos).**

#### **Descrição do atendimento.**

A princípio atendi a criança na sala lúdica e fiquei nesta por volta de vinte a vinte cinco minutos. Nesse ínterim brincamos de faz-de-conta. Ficou impressionado com o ambiente e entusiasmado com as múltiplas possibilidades lúdicas e de contato com os objetos. Encontrou algumas espadas e espontaneamente passamos a brincar. Se utilizando de sua arma, matou-me três vezes e ligou para o pai para comunicar-lhe do ocorrido dizendo “*Pai, estou aqui com o médico. Mas deixei ele de olhos fechados*” [SIC].



Enveredando pela situação fiz um comunicado a G. “*Não sou médico, mas sim psicólogo*” [SIC]. Não dizia nada. Prossegui dizendo “*Um psicólogo buscar entender o que se passa em nossos sentimentos*” [SIC]. Expressou “*Psicólogo...*” [SIC]. Adiante perguntei “*Você está sentindo alguma coisa?*” [SIC] e ele “*Não*” [SIC] colocando uma razoável ênfase e enquanto dizia sua negativa pegava em sua espada e passava a colidi-la contra a minha e com níveis de intensidade crescentes.

Após todos esses fatos expliquei que teria de atender naquele momento sua mãe, mas que depois poderíamos voltar para essa mesma sala. Seguimos para a sala de espera e lá fiquei com G. e D., pude observar o relacionamento dos irmãos e averiguar como se constituía os seus modos de relação.

D., se mostrava silencioso, mas em algumas conversações se mostrava irritadiço e colérico nas suas respostas e no seu brincar. G., por sua vez demonstrou um humor mais moderado – em relação ao irmão - e com uma certa contenção na expressão de sua afetividade – em comparação ao irmão -.

Ambos são muito apegados, observei alguns comportamentos belicosos de um para com outro, desses comportamentos, o que mais me chamou atenção foi o fato de G. dizer para D. “*Estou comendo todo o seu salgadinho, não vou te deixar nada... Vai ficar sem... Vai ficar sem...*” [SIC]. Assim observo ações mais ativas do lado de G. e ações mais receptivas do lado de D.

G. buscou meu colo várias vezes. Nesse ponto tive de encerrar o lúdico com as crianças e atender a mãe.

Iniciou dizendo que separou recentemente de seu ex-marido pelo fato de ter uma relação de abuso. Fora abusada psicologicamente e estuprada pelo esposo, o estupro deu origem a sua filha recém-nascida. Passou por uma depressão pós-parto e disse que teve complicações no período de gravidez de D., não desejando assumi-lo enquanto filho. Sua principal queixa é o fato das crianças quando interagindo com o pai, assumirem o comportamento de agredi-la verbalmente. Quando diz isso, se refere a D. e algumas vezes a G., mas em relação a G., sente que a separação está influenciando em seu comportamento na escola e que sente saudades do pai e que sofre por isso.

Acolhi na medida do possível sua queixa e de modo breve, visto que o atendimento era para G. Após o acolhimento de sua história, voltamos para a sala de espera e busquei finalizar meu atendimento na sala lúdica com G.

Perguntei a este o que estava acontecendo na escola e ele me disse “*Sinto saudades de papai*” [SIC]. Perguntei-lhe como era essa saudade e ele me falou “*É uma saudade*” [SIC] aqui ouve uma pausa e seguiu, “*Mas eu amo minha mãe. Amo muito minha mãe*” [SIC]. Nesse momento fiz uma encenação sobre o amor com os mamelucos, encenei o leão quebrando a perna e o boi indo cuidar dele. Logo adiante me perguntou “*Isso é cuidar?*” [SIC]. E eu afirmei dizendo que sim, que quem

ama cuida. Fiz uma tentativa de demonstrar que o amor é sinônimo de cuidado – também -, minha intervenção se justifica no sentido de revelar um outro modo de relação e que este permitisse uma reflexão sobre as associações que supostamente tenha aprendido durante sua existência de que o amor é essencialmente descuidado. Talvez, tenha aprendido que amar é descuidar da mãe, como também do irmão.

Nesse momento finalizei a sessão e me despedi da criança. Comuniquei à mãe que não era necessário o retorno da criança e que me parecia que esses comportamentos não justificava um retorno.

### **Compreensão do atendimento.**

A prática no Plantão Psicológico se caracteriza por sua múltipla possibilidade de operacionalização de procedimentos, como muito bem colocado por Mahfoud (1987). O significado de tal assertiva se revela por meio do fato de que esse campo de atuação está em constante transformação e, portanto, receptivo as possíveis inovações.

Foi possível perceber que a relação de abuso sofrida pela mãe, se estendeu da figura parental para os filhos, de tal forma que as figuras se alteraram, mas a relação permaneceu. Assim os filhos passaram a ocupar o lugar da figura paterna e reproduzem a relação de abuso que avistaram durante suas vidas e que compõe de agora em diante o repertório daquilo que Morato (2009) denominou de aprendizagem significativa.

Durante a existência de G., este apreendeu que o posicionamento de uma pessoa diante da outra, é um posicionamento de descuidado. Assim se expressou na maior parte das vezes no Plantão. Primeiramente expressou os seus significados apreendidos sobre o que é um relacionamento por meio do homicídio do plantonista; a seguir, com escárnio revela ao seu irmão que ingeriu a maior da parte do alimento que estava destinado a este; e por fim, sua mãe revela que em alguns momentos – exceções – difere sentenças agressivas para com a mesma.

Os aprendizados significativos dão origem às nossas disposições fenomênicas e que por sua vez determinam os modos de relação que temos com as pessoas. Parece que quando os aprendizados significativos são mínimos – ou parciais – não é possível se expressar de outro modo a não ser por meio dos significados existentes. Se assim for, a solução seria o contato com ambientes alternativos e que permitissem uma ampliação do repertório de aprendizagens significativas. O espaço do plantão atuou dessa forma, possibilitando novas formas de interação significativas.

## **A.P.C. (32 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

A pessoa veio até o plantão em busca de ajuda pelo fato de sentir-se “*desanimada*” [SIC]. Contou-me que viera ao plantão e que fizeram um encaminhamento de seu caso para um tratamento psicológico e farmacoterápico, mas que acabou não indo por razões que preferiu não esclarecer, uma vez que existiam “*outras coisas para contar*” [SIC].

Relatou-me que acabara de perder o emprego por conta de um assédio sexual que sofrera e que num momento de súbita reação acabou pedindo demissão. Disse “*O problema é que eu não sabia que passaria por esse perrengue que estou passando... É muito desemprego que está rolando... talvez eu devesse ter pensado melhor*” [SIC]. Lhe pergunto o que poderia ter feito de diferente e diz “*Talvez ter esperado um pouco mais*” [SIC]. Lhe digo que se já havia passado por alguma situação parecida como essa e diz “*Nunca passei por isso. Ele era estúpido demais, uma vez lhe perguntei se ele estava precisando de ajuda para fazer uma documentação, até por que, além dele ser meu supervisor era ele que estava encarregado de me fornecer as informações iniciais sobre como operacionalizar o trabalho... Aí ele disse que estava precisando de sexo e se eu tinha para fornecer*” [SIC]. Fiquei em silêncio e ela disse “*Fiquei estarrecida com isso sabe, foi uma coisa horrível, a partir daí fui conversar com uma outra supervisora e solicitei uma troca de parceiro (a) de equipe, ela disse que depois que ele voltasse das férias faria uma reunião e que tomariam as devidas providências... aí ele voltou das férias e nada mudou... o ambiente estava constrangedor para mim e ninguém fez nada em relação ao caso e eu acabei pedindo as minhas contas*” [SIC].

Após contar essa história me comunicou sobre a questão que estava afligindo-a e disse “*Agora estou sem emprego, sinto uma ansiedade tão grande... um vazio também de vez em quando, fico procurando emprego em todos os sites e não encontro. Não consigo fazer nada, pois estou a todo momento pensando nisso e também de vez em quando não consigo dormir, por que essas coisas me veem na cabeça. E assim, meus deus, a minha vida é tão estranha....*” [SIC]. Lhe pergunto o que há de estranho nessa vida sua e ela diz “*Olha a minha idade, penso muito nisso... Tenho quase 33 anos e o que eu tenho? A única coisa que tenho é um apartamento alugado... Estou quase chegando aos 35 e ainda não realizei nada do que queria*” [SIC]. Lhe pergunto o que gostaria de ter realizado e ela diz “*O que eu queria? Eu queria ter o meu próprio negócio e não ter de depender de nada e nem de ninguém. Me lembro quando comecei a fazer o curso de estética após ter me formado em administração... jamais pensei que não daria certo, no início eu fazia diversos trabalhos e com apenas um trabalho arrecadava 500 reais, hoje em dia por ter muito mais pessoas*

no ramo esse mesmo trabalho é feito por 80, todo mundo hoje tem uma tecnologia avançada que permite fazer as coisas com baixo custo” [SIC]. Adiante fala “*Estou morando com a minha mãe ainda... será que vou depender dela? Não sou casada, estou quase nos 35 e não tive filhos e nem consegui construir uma família. Fui casada uma vez, mas separei*” [SIC].

Nesse momento ficamos em silêncio e após algum período lhe pergunto se existiria mais coisas que gostaria de ter realizado e ela diz “*Creio que não...*” [SIC]. Novamente ficamos em silêncio, adiante lhe faço uma compreensão dizendo que me parece que criou expectativas em relação a determinados temas em sua vida.

Em relação ao curso de estética, lhe digo que jamais imaginou que haveria um aumento demográfico e que por causa de um determinado período político-social de efervescência no ramo da produção, esta iria induzir o excedente populacional no mercado de trabalho, principalmente nos ramos autônomos ou manufaturados onde prescinde-se de cursos técnicos para atuar, contando mais a prática do profissional do que propriamente um diploma. Nesse momento ela diz “*Realmente, jamais imaginei isso... mas era óbvio que isso ia acontecer, mas nem pensei*” [SIC]. Nesse instante lhe digo que me parece que as expectativas que criou em relação a essa prática acabou por deixá-la do jeito que está... aqui lhe pergunto como se sente em relação a esse fato e ela diz “*Frustrada*” [SIC], lhe digo obrigado e falo, pois bem, acabou por deixá-la frustrada. Assim, poderíamos dizer então que o fato de ter criado expectativas em torno desse tema a fez ficar frustrada quando as coisas não se realizaram do modo que você pensou ou imaginou e ela diz “*É... faz sentido*” [SIC].

Nesse momento ela me pergunta, “*Mas tá e aí, o que eu faço então?*” [SIC]. Lhe digo que o fato de ter criado expectativas em torno de temáticas importantes em sua vida ou de ter imaginado um modo como as coisas deveriam ser e que o fato de não terem sido como deveria... e aqui lhe pergunto como sentiu-se quando as coisas não aconteceram do modo que queria e ela disse “*Mal*” [SIC]., ora, o fato de não terem acontecido do modo que queria lhe deixou mal. Ressalto o fato de que talvez a questão esteja em torno dessa expectativa e lhe pergunto se conseguiria imaginar-se diante do mundo sem expectativas, visto que o fato com o qual lidou foi justamente a indeterminação da existência, isto é, que as coisas podem ser ou não ser. Assevero que a indeterminação é algo inerente a existência e que esse elemento de imprevisibilidade é parte elementar da vida e que talvez a incorporação desse fato poderia ajudá-la e até mesmo reduzir sua frustração em relação as coisas que não acontecem do modo que gostaria ou que imagina.

Após essa fala, ela me disse “*Você não acha que o meu problema é por que tenho pouca serotonina? Não seria melhor me encaminhar para um psiquiatra? Ele poderia me dar algum remédio e me ajudaria*” [SIC]. Lhe disse que apesar das monoaminas estarem relacionadas às alterações de humor, o seu caso não me parecia se encontrar em tal estado de gravidade que poderia ser caracterizado como uma questão psiquiátrica e que por isso mesmo requereria intervenção

medicamentosa. Ao que ela me disse “*Mas como faço isso que você me disse? É como se eu tivesse que me acalmar e deixar as coisas acontecerem, sem me preocupar tanto?* [SIC]. Lhe digo que viver os sentimentos que emergem e se desprender das expectativas, como também estar mais receptiva aos acontecimentos do mundo e as suas indeterminações - no sentido daquilo que pode ou não acontecer - poderia ajudá-la, visto que ter expectativas lhe causa frustração e lhe deixa mal. Fico em silêncio e ela também, ambos ficamos.

Após o silêncio ela fala “Sou muito ansiosa, não sei se conseguiria fazer isso. E tem essa coisa de se desprender das expectativas, como posso não controlar as coisas? O meu tempo está acabando, faltam 2 anos para correr atrás do que quero” [SIC]. Nesse instante ela diz “Tenho que ir... Muito obrigado pelo o atendimento” [SIC]. Lhe acompanho até a saída e deixo disponibilizado os horários do plantão caso necessite retornar.

### **Compreensão do atendimento.**

A.P.C. constituiu durante o seu existir um modo como as coisas deveriam ser, mas sem se ater – minimamente - ao que propriamente as coisas são. Uma imagem do mundo fora criada, imagem essa que torna o existir mais acessível aos anseios de realização própria. Situações como o desemprego, separação após um casamento, relacionamentos fracassados e projetos existenciais fadados, mostraram-na que essas falências todas se deram em relação ao mundo criado, em relação ao mundo em como as coisas deveriam ser e que é singularmente um mundo próprio e que apesar de ter conexões com a terra - no dizer de Heidegger - (1988 apud SAPIENZA, 2015) é diferente desta, visto que o mundo é a esfera da terra, mas significado e sentida pelo o ser, e portanto, em menor ou maior medida uma outra criação, moldada e esculpida à nossa semelhança por meio do arcabouço dos anenúbios afetivos.

O encontro se pautou em torno do mundo e das imprevisibilidades provenientes da terra, um mundo distante da terra e vice-versa. Sem espaço para o imprevisível e com os objetivos lançados de antemão – no próprio mundo criado e não na terra - e com as metas a serem alcançadas inexoravelmente, mesmo diante de um casamento ruinoso e uma separação conturbada, com desemprego, com o projeto de ter um negócio próprio fadado e com a falência das relações de amor e aliança, se permite lançar-se novamente em direção ao mundo criado e não à terra, em vistas de obter um “*casamento bom*” [SIC], construir o próprio negócio e “*montar uma família*” [SIC] e arranjar um emprego diz “*Só faltam 2 anos, está quase chegando... Dá para correr atrás das coisas*” [SIC].

Em seu mundo os 35 anos é o ponto limítrofe onde será colocado na balança existencial o que se alcançou, caso contrário “*Me sinto fracassada, péssima, o que tenho além de um*

*apartamento alugado?” [SIC]. O tempo está correndo e restam apenas 2 anos para se obter o que não conseguiu nos últimos 33.*

Em seu mundo, o atributo da imprevisibilidade - elemento base da terra - não comparece. Lá não existe imprevisibilidade e é tudo milimetricamente calculado para ocorrer de tal forma posta. *As propriedades emergentes* que define o fenômeno, justamente pela a emergência de propriedades antes não existentes por causa da sua não evidenciação - composto que fundamenta a novidade e o inesperado - não reluz em seu mundo e não é vislumbrado por este, uma vez que esse mundo já foi finalizado por meio de como *deveria ser*, as metas foram lançadas e a balança da existência irá pender ao término do prazo final.

O fenômeno e a abertura para o mundo como propriamente é e com os seus atributos de imprevisibilidade e de limite, de possíveis e impossíveis, de viáveis e inviáveis, estão ausentes. O reflexo disso não seria a expressão *“Você não acha que o meu problema é por que tenho pouca serotonina? Não seria melhor me encaminhar para um psiquiatra?” [SIC].*

Aumentar os níveis de monoamina sem a via medicamentosa, poderia ser feito por meio da aprendizagem significativa<sup>1</sup> - nos termos de Morato (2009) – de sentidos outros que permitissem uma sintonia intermundial<sup>2</sup>, mas fazer isso é desconstruir o mundo próprio e recriá-lo a imagem e semelhança da terra e principalmente por meio do atributo da possibilidade, em outras palavras, do não possível ou limite. Portanto, podemos ver como a via medicamentosa – nesse caso - poderia ser uma opção de manutenção do mundo, logo, dos modos de ser e das disposições afetivas.

**A.S.S. (21 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

A., veio até o plantão em busca de ajuda psicológica para suas dificuldades de aprendizagem, dizendo *“Uma vez vim aqui quando tinha menos idade, já faz algum tempo. Eu tinha 11 anos e vim por não conseguir ler. Agora estou voltando por estar com dificuldades de aprendizagem*

---

<sup>1</sup> Alterando-se as formas perceptuais e de contato com o mundo, alterasse – em seguida - os modos de vivência, como também as disposições afetivas.

<sup>2</sup> Refiro-me à transposição de elementos e atributos característicos do mundo e do além-mundo, essa sintonia intermundial se refere exclusivamente à uma maior conexão entre o ser-aí e o projeto-de-ser, um calcado no primeiro mundo e o outro calculado no além-mundo. A aproximação sucessiva desses significados e a modificação desses por meio de seu contato, permite um alcance sucessivo da realização de ser.



*novamente. Não consigo entender algumas coisas e quando leio em voz alta ou vou apresentar um trabalho, começo a tremer e a gaguejar. Acabei por acumular na faculdade 15 disciplinas de dependência e perdi a minha bolsa - que provavelmente ganhei por causa de Deus, por um milagre -. Recentemente perdi o meu emprego. Todas as coisas que me acontecem me derrubam. Perdi o meu emprego, isso me derrubou. Perdi a bolsa na faculdade, fiquei muito mal. Duas semanas atrás briguei com a minha mãe e ela me chamou de vagabunda, disse que saio por aí abrindo minhas pernas e que não presto e nem sirvo para nada, que caso eu não fosse assim não passaria por tantas dificuldades igual estou passando” [SIC].*

Lhe pergunto como se sente diante de tudo o que está acontecendo e A., diz *“Muito triste... As vezes tenho essa tristeza intensa, essa angústia... é inexplicável”* [SIC]. Busco explorar sua vivência de tristeza e angústia lhe solicitando para descrever essa mesma experiência e assim faz *“Não sei explicar sabe, é inexplicável... Aparece de vez em quando”* [SIC] - durante esse diálogo A., se encontra em planto -, *“É essa dor terrível que me assola, esse aperto no coração que fica bem aqui... Nunca contei para ninguém essas coisas”* [SIC]. In loco observando suas expressões faciais e o seu lamento, me veem a impressão de que essa pessoa passou por muitas coisas e das quais a maioria são experiências dolorosas e eivadas de sofrimento, como também de uma ausência de ternura e de gestos carinhosos por parte das pessoas em seu entorno, não comento essa percepção, mas lhe pergunto como se sente em relação a compartilhar a sua vida com outra pessoa e ela diz *“Me sinto bem... é bom”* [SIC]. Fico no aguardo de seu planto se diluir, junto com o sofrimento que aparece e com as lágrimas que se volatizam em meio ao silêncio que ambienta o recinto e ao som das hélices do ventilador à rugir espaçadamente quase em tom fastio – a me incomodar -, caso não fosse a paixão estética suscitada ao apreciar o edifício – azul... longo e espelhado - que se encontrava no escopo de minha visão – por de trás da janela e no horizonte - e que marcou-me impressões concitadoras ao revelar-me a potência e a força da engenharia civil e do poder da razão humana, que ao meu ver é devastadora, mas que nem por isso deixa de ser bela – até mesmo em seu impulso destruidor -.

Após esse período lhe pergunto como sente-se e diz *“Melhor, bem melhor. Aliviada por contar essas coisas para alguém”* [SIC]. Lhe pergunto – também - se o seu coração se encontra menos constrito, ao que me responde *“Sim... bem menos apertado”* [SIC].

O silêncio volta a reinar entre nós e me permito sustentá-lo. Após alguns minutos lhe pergunto o que pretende fazer com a vida que se apresenta e me diz *“Olha... a única coisa que me faz permanecer aqui é a minha fé, pois sou evangélica. A minha vida não faz sentido, qual é o sentido de estar aqui se é para sofrer... é apenas o meu medo de ir para o inferno que me mantém aqui... na minha religião cometer tal ato é pecado”* [SIC].

Compartilhou alguns fatos sobre a sua vida familiar e disse *“O meu pai abandonou-me quando era pequena. O meu padrasto veio ficar com a minha mãe, mas ao invés de cuidar de mim,*



*jamais se prestou a isto. Tudo o que ele faz é reclamando, é um imprestável. Eu esperava que ele cuidasse de mim e sempre busquei esse contato de filha e pai, já que ele nos pegou quando erámos pequenas, mas isso nunca aconteceu... [...] Entre ele e a minha mãe sempre há brigas, por diversos motivos e pelas mais variadas pequenas coisas. Ele fica assistindo pornô no celular e nem se presta há disfarçar. Não ajuda com as contas em casa e nem com as atividades domésticas. Ele trabalha e recebe o dinheiro que tem, mas ajudar em casa nunca o faz. Ele é igual minha mãe em relação a mim e de vez em quando me maltrata me chamando de vagabunda... [...] Tem também um namoradinho que tive aos 15 anos, até hoje ele fica atrás de mim. Recentemente apareceu uma moça em casa e disse que era namorada dele e que eles estavam juntos há 5 anos. Ele estava com essa moça e também vivendo comigo, mas sempre foi assim, de vez em quando ele me busca e de vez em quando eu busco ele, eu me acostumei a essa situação... Ele também é uma pessoa que não me deixa em paz... Não sei como seria se ele não me procurasse mais... Ele diz que me ama, mas faz o que faz, você acha que isto é amor?" [SIC]. Adiante falou "Depois que aconteceu o fato dessa garota aparecer em casa, isso abriu brecha e deu motivos para minha mãe e o meu padrasto chamarem-me de vagabunda e amante, igual ele fez da última vez" [SIC].*

### **Compreensão do atendimento.**

Após alguns minutos de encontro tive várias impressões interpretativas, talvez isso se deva ao acúmulo de experiência adquirida ao decorrer do ano, portanto, se faz mais do que necessário a velha e boa epoché, justamente para que as impressões sensoriais decorrentes de um fenômeno supostamente parecido com algo já conhecido – por mim -, não seja enclausurado nesses perceptos – impressões interpretativas - que mais obscurem do que clareiam, mesmo que após uma certa quantidade de experiência nos sintamos aptos a interpretações e até mesmo ao um saber *a priori* do outro, apenas por meio de alguns indícios, não obstante, isto não quer dizer que esses perceptos não possam estar corretos, muitas vezes estão de acordo, e sim, em alguns momentos prevemos alguns acontecimentos que provavelmente aconteceu na existência de uma pessoa, simplesmente por meio de apenas alguns dados iniciais, mas para não adentrarmos na onipotência, na arrogância e petulância de tudo saber e por sua vez incidimos nos automatismos interpretativos, é melhor nos protegermos e nos resguardamos no princípio da suspensão dos juízos e inclusive, nos desprendermos até mesmo das percepções que são forjadas ao decorrer do encontro, pois estes também nos prendem numa superficialidade do fenômeno e não naquilo que se amalgama no após seu desaparecer.

Segundo Pompeia (2011) as tonalidades afetivas são essas gradações da afetividade. Em torno de um determinado afeto existe uma gradação deles, como se houve um pano de fundo ou uma moldura do afeto no ser, e que assim transitamos por meio de suas diversas nuances.

Em A., pareceu-me que os eventos fenomênicos ao decorrer da sua existência constituíram a própria moldura dos seus afetos. Uma moldura sem consistência e que quando se transita em suas gradações - por causa dos incessantes acontecimentos -, isto “*Me derruba... qualquer coisa me derruba*” [SIC]. Assim me parece possível hipotetizar que os eventos da vida constituem a moldura dos afetos e por sua vez o tônus afetivo que serve de referência e no qual o ser irá vivenciar suas diversas gradações decorrentes da passagem do tempo.

**J.F.C. (42 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

J., adentrou na sala e disse “*Alan, é o seguinte: preciso que busque um psicólogo gratuito para mim. Parei de tomar os meus medicamentos ontem e estou sem dormir. Coloquei minha mãe para dormir ontem e aproveitei e fiz um café para ela, por que ela toma café de noite e eu tomei uns goles e aí isso me deixou mais acordado ainda somado ao efeito colateral de estar sem medicamento. Não tenho relacionamento, recentemente o meu relacionamento acabou por que estava com essa moça e ela é obesa e aí num certo momento eu acabei por dizer para ela que era obesa e ela foi embora. Bem que eu podia não ter dito isso, assim poderia aproveitar mais um pouquinho em estar com ela... fui dá com a língua nos dentes e perdi a moça... agora ela foi embora e eu nem consegui aproveitar um pouquinho mais dela... você sabe né... Agora tem essas coisas que estou tendo no momento, essa crise, está complicado... O meu irmão me dá uma renda de 1200 reais para cuidar da minha mãe, isso já ajuda... Agora estamos com uma questão da herança e eu estou investindo na bolsa de valores com um cara aí, mas hoje ele faltou no encontro e isso me deixa nervoso. É importante o fato de que as vezes eu falo muito e sempre falo muito mesmo, com essa moça foi assim, falei muito e ela foi embora. Ultimamente estou sendo agressivo, as coisas me dão raiva, geralmente fico agressivo com mulher, com homens não sou. Uma vez um cara estava me provocando e ele era duas vezes maior que você e eu fiquei dizendo para ele que ia estourar, aí eu fui embora. Mas eu quase peguei uma faca que estava ao meu lado, se eu pegasse aquela faca a coisa ia ficar feia. Mas assim, o meu irmão agride mulheres e eu percebi que em um determinado momento da minha vida eu estava fazendo o mesmo... como eu podia... Agora estou vendo essa coisa dos terrenos... Eu tenho 4 casinhas de aluguel e o inquilino não me paga e estou vendo se ele me paga, caso contrário vou jogar-lhe um processo. O meu sócio e o meu futuro sócio,*

*estou investindo com ele um valor fixo da minha herança e de tudo aquilo que ele joga na bolsa de valores ele me dá 4% do que conquista e isto faz uma renda. Tem um robô que pretendo investir e esse robô é inteligente, aqui no Brasil não temos ainda essa cultura de robô que faz dinheiro por si só... Pretendo pegar o meu dinheiro que atualmente está pelas casas de 700 mil reais e colocar a minha mãe em uma casa de repouso e dividir isso com os meus outros dois irmãos... pretendo comprar um bom apartamento e comprar um terreno – não sei, tenho de pensar nisso -, deixo as minhas casas de aluguel e tento subir outras casas para por de aluguel também... O meu sócio está fazendo muito dinheiro, é muito dinheiro... Quero vê o diabo do inquilino não pagar o aluguel, estou tentando tirá-lo de lá sem entrar na justiça, por que caso contrário ele fica mais tempo lá, imagina o prejuízo... As coisas estão caras, estou desempregado e estou apenas com 3 casas alugando, espero que essa bolsa de valores me de retorno, por que agora só deu de retorno aquilo que investi... Eu deveria uma época atrás ter vendido o meu terreno por 100 mil reais, mas fui vender por 70 mil reais, aí houve uma valorização e aí perdi esse dinheiro... Se eu tivesse um psicológico melhor poderia negociar melhor e não fazer essas coisas tão impulsivas que as vezes faço... Se não ficarei perdendo dinheiro... é tanto dinheiro... E assim, quero comprar um apartamento com a minha herança e deixar casinhas para alugar e a minha mãe na casa de repouso, assim economizo o meu tempo e também divido as dispensas com os meus outros irmãos, poderei portanto me relacionar, preciso de tempo para viver e eu não vivi nada ainda da minha vida. Olha a minha idade e eu não vivi nada ainda... O meu pai não sentou com nós e disse o que era certo e errado, o fato dele ter dinheiro e ter vivido assim ele bem que poderia ter dado mais essa atenção, nós percebemos isso depois quando ele morreu, que com o dinheiro que ele tinha ele não precisava trabalhar tanto... eu tive a oportunidade de estudar, mas eu não quis, o meu pai quis pagar, mas não aceitei. Fiz umas bobagens durante minha adolescência e hoje já estou bem melhor, muito melhor do que antes, mas é complicado essas coisas” [SIC].*

Tentei lhe dizer algumas coisas, mas interrompeu-me e levantou-se da cadeira se exaltando e dizendo coisas cada vez mais distante do assunto inicial “*Você viu como está as coisas na saúde, foram investido uma quantidade de dinheiro altíssima, é muito dinheiro. Essa coisa do bitcoin e das cripto-moedas não é algo bom para se investir. Não dá para ficar perdendo dinheiro... Vê eu como estou, apenas com 4 casas alugadas, mais 1200 reais dos meus irmãos por que cuido da minha mãe e os juros de 4% ao mês do meu investidor, como também o dinheiro fixo da herança que se valoriza no banco. Preciso dá um jeito, construir mais casas e alugar elas, como também arranjar um emprego para ganhar mais dois salários mínimos no mínimo... Não dá para perder dinheiro... Se eu fosse mais esperto e tivesse o mental melhor poderia fazer uma quantidade boa de dinheiro” [SIC].* Lhe interrompi dizendo que a fila de espera para um psicólogo fixo na instituição se encontrava longa e que uma possibilidade seria a recomendação de um psicólogo de valor simbólico, ao que me disse “*A filha está longa? Mas sério... complicado... Eu penso em suicídio sabe? Essas coisas precisa de ajuda e com essa crise fica difícil pagar um psicólogo, mas*

*quanto que esse valor simbólico?” [SIC]. Lhe disse que poderia dialogar com o próprio psicólogo, mas que variava de 50 reais para menos e assim me retrucou “Nossa, mais não dá, está difícil essa crise e esses tempos... é complicado para mim... mas obrigado viu, vou esperar” [SIC].*

Assim lhe disse que o Plantão estava aí caso precisasse e inclinei-me para levantar e começou a dizer “Uma vez um cara tentou me agredir, ele era do seu tamanho, até maior do que você... você é grande, mas ele era maior do que você, umas três vezes maior... que você chega a ser pequeno... Mas deixei ele lá, mas se ele provocasse mais, seria complicado para ele... Eu preciso ganhar peso sabe, mas penso que talvez você precise perder, apesar de você ser pequeno em relação ao outro lá” [SIC]. Por fim lhe perguntei se tinha interesse no atendimento de valor simbólico e me disse que não, falei que poderia voltar caso precisasse do Plantão e fui levantando-me e levei até a saída.

### **Compreensão do atendimento.**

O fato de ter uma renda mensal de 7 salários mínimos e não ter aceito um psicólogo de valor simbólico na quantia de 50 reais ou menos, parece no mínimo que a busca por um tratamento psicológico não é uma prioridade. Compreendo também que essa renda mensal não justifica colocá-lo numa fila de espera como a do CPA, justamente por ter condições financeiras para sustentar um tratamento na clínica particular e não ocupar a vaga de uma pessoa sem condições. Por outro lado, me ficou a impressão de que a sua recusa ao tratamento simbólico se deveu, não por conta de dificuldades financeiras, mas sim pelo o mesmo motivo que o faz enviar sua mãe para uma casa de repouso, aqui uma certa impropriedade aparece (POMPÉIA, 2004). Como também um relacionar-se com o mundo de modo objetificante.

E ele diz “Assim economizo o meu tempo e divido as dispensas com os meus irmãos” [SIC]. Motivo esse que é o mesmo que o faz sofrer por ter vendido o terreno por 70 e não 100 mil reais... motivo esse que o faz ter a ideia de investir em um robô “que faz dinheiro sozinho” [SIC]. Motivo esse que o faz também “retirar o inquilino da casa... imagina o prejuízo... ele diz de vez em quando que vai ficar sem lugar... Mas e eu... Que fico com menos um aluguel, não dá...” [SIC].

O cerne da questão é vantagem, estar sempre em vantagem. Num determinado momento lhe disse que havia uma fila de espera e ele disse “Nossa... tenho pensamentos suicidas, sabe? É complicado...” [SIC]. O que foi isso? Uma tentativa de ludibriar-me para colocá-lo no início da fila? Se o foi, caracterizaria mais um comportamento de tirar vantagem e de estar sempre em vantagem. Talvez essa intencionalidade o fez escolher também não pagar um valor mensal de 50 reais com um psicólogo fixo.

Quando o encontro estava prestes a finalizar-se, começou a exaltar-se e a entonação de sua voz quando dizia “*Ele era três vezes maior, você chega a ser até pequeno*” [SIC]. Senti que o fato do encontro está próximo do fim, o fez de alguma forma me dizer isso, mas numa entonação que parecia querer realmente me apequenar.

Em suma, a sua narrativa mostra muito de uma intenção de extrair vantagem das situações. O seu comportamento de dizer-me que tinha pensamentos suicidas sem claramente demonstrar nenhum sofrimento característico - justamente após eu lhe dizer que havia uma fila de espera -, soou-me como uma tentativa de ludibriar-me, talvez para retirar vantagem? E por fim, o comportamento de exaltar-se e referir-se a mim como pequeno dentro de uma determinada narrativa, como também de dizer-me que era necessário perder peso, não poderia estar sendo compreendido como uma forma de responder-me ao fato de estar finalizando o encontro?

Por sua vez, dizer a sua namorada que é obesa e por fim falar “*Eu poderia ter ficado um pouquinho mais com ela... Ter aproveitado mais, sabe? Você entende né?*” [SIC] – riso irônico em seguida -. Se referindo ao fato da possibilidade de ter tido mais relações sexuais, antes de ter dado com a “língua nos dentes”, não seria mais uma expressão de tirar vantagem?

Como poderíamos entender o fato de ter uma renda mensal de 7 salários mínimos e não aceitar um psicólogo de valor simbólico no valor mensal de 50 reais, diante de todos esses fatos? A busca de um psicólogo gratuito e fixo não seria também uma forma de extrair vantagem? Por fim... o que seria então o Plantão?

### **C.G.S.S. (11 anos).**

#### **Descrição do atendimento.**

C., veio acompanhada de sua mãe ao atendimento. Primeiro foi atendida C., depois sua mãe e logo em seguida finalizou-se o contato com C.,. Trouxe-a até a sala de atendimento e a indaguei se sabia o motivo pelo qual estava ali, ao qual me disse “*Desde do dia que os meus pais separaram, estou tendo ansiedade, tremedeira, tristeza e vontade de sumir*” [SIC]. Lhe digo para me contar o que aconteceu nesse dia e diz “*Os meus pais estavam brigando e ele jogou ela em cima de mim – enquanto eu dormia -, aí acordei assustada e a partir daí essa tremedeira, tristeza, ansiedade e a vontade de sumir apareceram*” [SIC]. Lhe pergunto como está se sentindo e aos choros diz “*Me sinto triste*” [SIC]. Lhe digo se gostaria de dividir comigo quais eram as vivências que a deixavam na tristeza, me responde que sim e fala “*Saudades dos meu pai, sinto saudades*” [SIC]. Lhe pergunto se caso ele estivesse aqui se essas saudades desapareciam e ela diz “*Não...*” [SIC].

Surpreso fico e lhe pergunto o que acha do fato de sentir saudades do pai, mas que mesmo se ele estivesse aqui essas saudades não desaparecia e ela diz “*Não sei, mas é assim*” [SIC]. A seguir lhe pergunto se gostaria de compartilhar mais alguma coisa comigo e ela responde que sim e sorri de um modo que não compreendo e diz “*Sabe... Eu nunca fui feliz de verdade*” [SIC]. Lhe pergunto se não era feliz nem quando o pai estava ao lado dela e ela diz “*Não... não era feliz nem assim. Além disso, existem outras coisas*” [SIC]. Lhe indago sobre essas coisas e ela diz “*Eu sinto falta do meu pai. Mas sempre senti falta dele. Uma outra coisa que me deixa triste foi quando vi que a minha mãe ficava mais comigo do que ele comigo, aí percebi que ele ficava menos. Ele também sempre dava mais carinho para minha irmã e eu não tive o carinho dele. Ele mente para mim também, diz que vai vir me vê, mas depois diz para a minha irmã que não virá mais. Por exemplo, falei com ele no telefone esses dias atrás e ele disse que iria vir me ver, aí passou um dia e ouvi a conversa dele com a minha irmã e ele disse que não viria. Ele mentiu e ele está sempre mentindo*” [SIC].

Fico em silêncio e após uns minutos lhe pergunto como se sente e ela sorri – novamente – de modo que não compreendo. Logo em seguida a esse fato lhe pergunto o que está pensando e o breve sorriso se transforma em expressão de tristeza e diz “*Sempre estou pensando em alguma coisa... Penso em sumir*” [SIC].

Digo a ela que me parece que apesar de sentir saudades de seu pai, ainda sim já sentia saudades dele, mesmo antes dele ter ido embora e morando ambos na mesma residência, mas que o fato dele ter ido de alguma forma intensificou essa vivência de saudades. Ela consente movimentando a cabeça. Em seguida lhe peço para me explicar o fato de não ter sido feliz, ao qual me responde “*As brigas... eles brigavam... [...] acho que nunca vou ser feliz.*” [SIC]. E ela segue “*O meu pai não está aqui. Não vou ter carinho de pai*” [SIC]. Lhe digo se poderíamos dizer então, que mesmo que o pai esteja aqui não quer dizer que será feliz, mas que se ao menos ele estiver aqui, sofrerá menos? E ela responde “*Sim... é isso*” [SIC].

Lhe pergunto sobre o suicídio e ela diz “*Ah... as vezes quero me jogar na passarela. Uma vez minha mãe viu e me socorreu. Em outras situações e agora, sempre aviso ela quando estou pensando nisso, fico triste e com os pensamentos que me dizem para fazer isso, pois eu posso. Aí aviso minha mãe e ela não me deixa ir para a escola*” [SIC].

A seguir ficamos em silêncio e pergunto a C., como se sente, me respondendo “*Melhor... me sinto melhor*” [SIC]. Lhe pergunto se tem mais alguma coisa que queira compartilhar comigo e me responde que não, explico se gostaria de participar do diálogo que teria com a sua mãe, diz que não e que prefere aguardar. Sendo assim, solicito sua mãe e a levo até a sala de atendimento e lhe pergunto o que está acontecendo, a princípio me fornece uma carta da escola e a recomendação do pediatra para busca de um psicólogo. Adiante diz “*Nós viemos de Pernambuco para cá. Foi a maneira que encontrei de separar-me do meu ex-marido. Tivemos 21 anos de casamento e o*



*homem mudou de uma hora para a outra, começou se engraçar com outras mulheres. Não sei vii, que decepção. Teve um dia que ele disse que voltaria para casa, para cuidar de mim e das filhas, mas não o fez. No dia seguinte falou que não voltaria e que nunca mais iria ver-me. Ele ficou muito tempo mentindo, mas ia e voltava. Tinha vez que ia em casa almoçava e ia embora, passando uns 4 dias fora de casa. Ficava lá uma tarde como se nada tivesse acontecido, brigava e depois ia. As vezes dormia lá. Não sei, que coisa complicada, você que é psicólogo entende disso, não? Mas foi assim... Não dizem que quando o homem não encontra em casa, busca na rua? Mas fico me perguntando o que faltou... você que é homem sabe muito bem, não é, como são essas coisas, agente fornece em casa tudo, mas parece que algo falta. Para tu ter noção eu fazia tudo por este homem, comida, cuidava das crianças e ele sempre esteve em primeiro lugar em tudo. Se tivesse uma comida na mesa e dissesse que gostaria de comer outra coisa, eu ia lá e fazia outra comida. As vezes nós pensamos que estamos fornecendo o melhor, mas é o pior que saí. E daí saiu o pior mesmo, talvez se eu fosse menos boa, não teria sido diferente? E não é que ele se foi... Lá em Pernambuco na nossa jangada a maré vinha e no meio da noite estava lá minha filha acordada querendo se precipitar da janela de nossa casa... Essa menina viveu tudo o que não tinha para viver, a outra mais velha veio para cá antes de tudo isso acontecer. Viveu toda a infância assim, isso vem acontecendo já há algum tempo, nós sempre brigávamos, aquelas brigas de todo casal, mas dentro de 21 anos foi a primeira vez que ele levantou a mão para mim e me bateu, ele nunca havia feito isso e eu nem pensei que faria, mas fez não fez? Pois bem, essa menina viveu essas situações. Lá já passava por psicoterapia e tomava fitoterápicos por causa da ansiedade, eu vim desenvolvendo uma depressão e parece que ela me acompanhou nessa depressão também, hoje estou bem melhor do que antes, não tenha dúvida. Mas ainda sinto essa depressão e ela infelizmente está na menina, que não estuda. Hoje cuido de crianças numa creche e o tempo que me sobra é a noite para ficar com a menina, mas ainda está difícil querendo ou não estou sozinha, casa alugada, crianças para cuidar, ter de comprar alimentos, são muitas responsabilidades, mas a vida não para não, não é meu filho?” [SIC].*

Ficou emocionada, quis-se retirar da sala com a justificativa de estar me atrapalhando e chorando, pedi para que ficasse mais alguns minutos. E aceitou o meu pedido e usou o espaço para chorar um pouco, após o choro disse “*Bom, é isso. Obrigada, tenho de ir trabalhar, prometi voltar no turno da tarde*” [SIC]. A mãe de C., trouxe informações que me permitiu ampliar a compreensão sobre o estado atual de sua filha. Acompanhei-a até a sala de espera e chamei C., para finalizarmos o atendimento.

A mãe de C., trouxe informações que me permitiu ampliar a compreensão sobre o estado atual de sua filha. Repassei retrospectivamente os conteúdos que trabalhamos no encontro e perguntei a C., se havia mais alguma coisa que gostaria de dizer além de tudo aquilo que falamos, ela disse que estava bem e que não. Comuniquei a ela sobre o retorno e se gostaria de vir

novamente, afirmou que sim. Assim acompanhei-a até a sala de espera e o nosso encontro finalizou-se.

### **Compreensão do atendimento.**

C., viveu a maior parte da sua infância experienciando situações de conflito entre os seus pais. Conflitos de ida e vinda, inconstância da figura paterna no recinto, ora estando em casa, ora não estando. A ausência de carinho e a saudades foi algo presente em sua relação com a figura paterna. O sentimento de ausência de carinho se intensificou conforme a percepção de que sua mãe dedicava mais tempo ao seu lado do que propriamente o pai e que este por sua vez dedicava mais tempo com a sua filha primogênita.

Sua ansiedade, tremedeira, tristeza e ideações suicidas compareceram no dia da agressão física produzida pelo pai na mãe, numa situação onde C., repousava em seu ciclo de sono, sendo acordada por um susto ocasionado pelo fato de seu pai ter derrubado sua mãe em cima de si.

Já era uma criança ansiosa e vinha se utilizando de fitoterápicos, sua mãe revela que em concomitância com ela sua filha vinha desenvolvendo uma depressão.

O fato do pai ter ido embora intensificou os seus sentimentos de ausência de carinho, como também sua saudades. A presença física do pai ocultava sua ausência de vínculo afetivo com a criança e a sua partida revelou o oculto, isto é, a existência real da ausência de carinho e saudades, nas palavras de C., *“Eu nunca fui feliz e nem vou ser... [...] Ele ficava mais com a minha irmã do que comigo e quando dizia que íamos sair e passar o final de semana juntos, isso não acontecia... [...] Agora ele mente, diz que vem, mas não vem”* [SIC]. Parece que o fato do pai ter ido embora, materializou uma orientação de vínculo pré-existente. Enquanto viviam no mesmo recinto sua presença física ocultava essa ausência, mas quando foi-se a ausência se revelou enquanto tal – materializou-se - , aumentando a veracidade da facticidade, segundo Pompeia (2004), existencial básico na constituição dos modos de ser.

### **S.C.D.S. (42 anos).**

### **Descrição do atendimento.**

Quando S., chegou, disse *“Olha Alan, eu sou uma mulher bomba e a qualquer momento posso explodir”* [SIC]. Permaneci com essa fala e em silêncio, mantendo-nos no vazio da sala,

aguardando-a... e esta falou “Atualmente vivo uma vida estranha e uma das coisas que gostava de fazer era dirigir, hoje, já não mais. Coisas que antes sentia vontade de fazer, já não sinto... [...] Os meus dias são terríveis e acordo pensando na hora de dormir. A única coisa que penso no momento que acordo é: que horas são? Geralmente é sempre meio dia e isso me anima um pouco, pois já passou metade do dia e restam apenas mais umas 8 ou 10 horas para chegar o momento de tomar o meu remédio e novamente dormir. Fico em casa e quando me levanto a louça da pia está limpa e isso me estimula ainda mais a ficar debaixo das cobertas, me alivia do sentimento de dever... de ter de cuidar das tarefas domésticas e me permite me acomodar no escuro do quarto... [...] Os meus dias são assim, sempre há algum dever para fazer e quando alguém – no caso meu companheiro – diz que vai fazer... me vêm um sentimento de agradecimento e alívio por ter me livrado de mais uma tarefa... ir ao supermercado? Buscar os filhos na escola? Fazer almoço, janta e limpar a casa? Quando alguém faz... que coisa boa... vou lá para o meu quarto e posso ficar cada vez mais lá... [...] É Alan, nem sempre foi assim... eu já fui feliz... aliás nem tanto, pois eu fingia, mas eu sentia vontade de fazer as coisas. Eu queria apenas ser normal, sabe? Ir ao supermercado e comprar alguma coisa para fazer almoço... Ir dormir num dia e planejar o dia seguinte... Pode ser qualquer coisa, só queria conseguir desejar e sentir vontade de viver... Ir ao supermercado tal horário e depois saber que teria de pegar meus filhos na escola, voltar para casa e depois trabalhar, uma vida normal... normal...” [SIC]. Permaneço em silêncio... Logo em seguida permanecemos.

A seguir diz “Estava ali sentada e pensando, queria tanto que soubessem o que estou pensando para mim não precisar falar nada. Até isso é cansativo para mim... falar... Eu estava realmente desejando que não precisasse falar, mas estou aqui nesse momento. Sabe, antes eu buscava maconha para fumar, eu ia no lugar, comprava e dirigia em direção à algum outro lugar distante onde pudesse fechar o vidro do carro e estar ali... ficava 4 ou 5 horas parada dentro do automóvel... parada... Nossa que sensação maravilhosa. Hoje em dia já não compensa por que o esforço que vivo para levantar-me da cama, tomar banho, trocar-me, comer alguma coisa, descer as escadas do prédio, tirar o carro do estacionamento, dirigir até o local, aguardar o tempo da pessoa me vender a droga, dirigir para outro local, fechar os vidros, fumar e depois dirigir novamente para casa, tirar a roupa e etc, não compensa” [SIC]. Adiante diz “Olha Alan, me socorre por favor. Estou sofrendo e sinto necessidade de sair disso e das outras coisas” [SIC].

Lhe pergunto se existem mais coisas que contribuem para o seu sofrimento e diz “Sim” [SIC]. Me responde com um lacônico sim e ficamos a nos observar... Fico na espera e no aguardo para que prossiga, mas não o faz. Sustento o silêncio e em seguida lhe pergunto quais são as outras coisas. Seus olhos marejam e a emoção se faz, lhe comunico esse fato ao qual me responde “Sim... Não suporto sabe... As pessoas me olham e vivem dizendo que posso passar por todas as situações, por que já passei por tantas coisas e mais uma coisa a mais não é problema para quem já passou

*por tanto, mas a questão é que não é assim. Estou cansada sabe, passei por uma vida horrível e conheci pessoas horríveis também. Eu não sou forte assim, eu sou fraca e sou pequena. Eu estou cansada de ser forte e de ter de ultrapassar tudo, não quero mais isso” [SIC]. Lhe comunico que as situações de sua vida lhe exigiram força para que pudesse continuar e diz “Nossa... Sim...” [SIC]. Lhe pergunto pelo o que passou e diz “Não sei vou te ver novamente... mas já que estou aqui com você vou falar pelo o que passei e aproveitar esse momento. Basicamente foi assim... Aos 6 anos de idade minha mãe foi embora e me deixou com um pai que abusava de mim, pedófilo. Aos 13 anos fugi de casa e passei dessa idade aos 16 vivendo na rua. Nessa idade me encontrei com uma pessoa e tive a minha primeira relação sexual e desta se originou o meu primeiro filho. Pois bem, tive esse filho e o criei vivendo da noite. Encontrei um outro homem e vivi com eles alguns meses e tive minha segunda filha, mas daí ele foi embora. Teve uma noite que me deparei com um outro homem. Ele era tudo o que uma mulher poderia sonhar. Foi na noite – trabalhando - que conheci ele. Aí vivemos juntos durante um período, aí engravidei dele. A partir daí ele me surrava de dia e de noite incessantemente. Aquele homem maravilhoso, havia desaparecido. E ele me agredia todos os dias. Aí eu fui embora novamente, eu vivia num barraco com ele e os meus três filhos. Aí vendi esse barraco e fugi. Certo dia ele me encontrou e acabou me violentando sexualmente, me estuprando. O que ele fez comigo até o médico legista disse que nunca tinha visto nada igual. Mas nisso acabei tendo o meu quarto filho... fiquei algum tempo sozinha, apenas trabalhando e cuidando das minhas crianças. Aí comecei a sair com outro homem, mas esse era bom. Eu até desconfiava dele, vivia algo que era uma certa insegurança por que ele era bom demais e ele não se revelava e eu esperava isso, que ele se mostrasse como agressivo e ele não era nada disso. E realmente ele não se revelou e continuou sendo bom, só que no entanto foi complicado para mim, por que não era assim a relação de homem e mulher. E eu não sentia aquele sentimento de mulher para homem, mas tivemos um filho. Nosso filho nasceu saudável, até que aos 7 anos foi diagnosticado com uma deficiência física, nesse período eu sofri muito, isso acabou demais comigo e ele tranquilo como sempre, sofria sorrindo e aquilo me destruindo. Aí quando ocorreu esse diagnóstico, somado a esse fato dele sofrer sorrindo com a situação e eu me destruindo e me dilacerando, eu disse para ele que não nutria nenhum sentimento por ele mais... aí cada um foi para o seu lado. Assim acabou. Bom, passou algum tempo, fui me constituindo, comprei carro, apartamento, dei educação para as minhas crianças, hoje elas estão crescidas, saudáveis e tudo já se arranjando. Todos eles trabalham, apenas um atualmente vive na sua própria casa, os outros 4 vivem comigo, mas todos tem relacionamentos amorosos e já estou tendo netos, mas isso me machuca muito, por que não consigo amar nenhum dos meus netos. Eu que deveria estar morrendo de amores por eles, não sinto nada. Não consigo amar os meus netos e não consigo gostar das minhas noras, não consigo dialogar com elas, por que tenho o pensamento de que elas não irão fazer feliz os meus filhos. Mas eu deveria, não é? Dialogar com elas, amar os meus netos e viver a minha vida. Agora seria o momento de aproveitar a vida, mas não consigo” [SIC]. Adiante diz*

*“Esse meu filho que teve a deficiência foi algo que me derrubou, mas o que me derrubou mais foi esse meu último relacionamento. Ele tem defeitos que me destroem, um em específico. Existe um que me destrói mais” [SIC].*

Lhe pergunto quem é esse homem com quem vive atualmente e ela diz *“Bom... com ele foi assim que aconteceu. Eu pensei que iria ser apenas mais um final de semana na praia. E lá fomos nós, vivemos um final de semana, nos conhecemos, nos curtimos e a partir de lá estamos juntos. A forma como ele chegou na minha vida, foi diferente de tudo, entende? Ele chegou de modo espontâneo e trouxe uma certa alegria para a minha família. Todos gostam dele, meus filhos - principalmente - o adoram. Mas ele faz uma coisa que acaba comigo. Ele é usuário de cocaína e trabalha para isso. Ele é trabalhador, ele recebe uma quantidade de dinheiro e me entrega na minha mão, mas se amanhã ele acordar com necessidade de usar, ele pega esse mesmo dinheiro e gasta tudo, caso não tenha dinheiro, ele pega alguma coisa de casa e vende. Aí depois ele restaura as coisas que retira. Mas isso acaba comigo, por que eu tenho uma coisa com a verdade. Eu gosto da verdade e gosto sempre de estar coerente com esta e ele não tem isso. Mas daí você pode me perguntar, então por que você continua ele, aí eu te respondo que já tentei milhões de vezes me separar dele, mas não tem como, quando ele se vai eu sinto um vazio enorme, um buraco em mim, aí busco ele de volta. Mas daí tem isso também, ao mesmo tempo que não quero mais ficar com ele, também não quero que ele seja feliz com outra. Apesar de não querer estar com ele, também não quero que ele esteja disponível para ser feliz com outra. O que eu pensava ser um sentimento bondoso e gostoso de se viver, tornou-se um sentimento ruim e aprisionador, eu vivo essa obsessão. Aí é tudo aquilo né? Então eu sou assim, eu xingo, agrido, ofendo, magoo e produzo agressões. Tenho ciúmes e por qualquer coisa do tipo brigo. Sou uma bomba prestes a explodir. E estou cansada e preciso mudar. Não tenho vontade de mais nada” [SIC].*

Lhe pergunto como se sente e diz *“Estou podendo falar, não posso fazer isso com ninguém ao me arredor. Com os meus filhos tenho de manter-me nessa posição de mulher forte, até por que todos me exigem isso, justamente por que me veem assim. Com o meu companheiro, é impossível conversar sem ser chamada de louca. Uma vez fui falar com ele e no momento que disse a primeira frase que foi – é difícil viver os dias da minha vida – ele me parou no meio de minha fala e disse para buscar ajuda, pois precisava de ajuda. Aí nisso já desanimei e nem disse mais nada. Mas é assim, as pessoas que estão em meu entorno me exigem força, quando na verdade já não tenho nenhuma e quando do que preciso realmente é ajuda para sair da situação que me encontro. Eu tenho a sensação de que ele pensa que é frescura, sabe? Aquelas pessoas que dizem que é uma pequena tristeza que estou passando. Mas não é, estou sofrendo e me dói. Estou me tornando uma pessoa antissocial e quero cada vez menos viver ao lado das minhas irmãs, dos meus filhos, das noras e dos netos. O suicídio já me passou pela cabeça, mas não tenho coragem, por outro lado não quero viver... e conto às horas para o dia finalizar” [SIC].*



Adiante falou “*Os meus dias são assim, acordo, vou para a varanda e fumo uns três cigarros seguidos. Ultimamente estou fumando e muito, mas é uns dos meus pequenos prazeres. Logo em seguida quero voltar para cama*” [SIC]. E “*Foi bom estar aqui. Você é homem e a gente não fica tão à vontade, mas com você foi bom. Geralmente temos um estranhamento, eu senti isso no início, mas depois sumiu. Me sinto mais aliviada de ter falado. Gostaria de ter um amigo psicólogo apenas para ficar conversando com ele e chamá-lo sempre para estar ao meu lado. Seria muito bom ir num consultório que tivesse uma janela bem grande e com vistas ao horizonte, aí iria para lá e ficaria fumando enquanto dialogássemos*” [SIC]. Ficamos a rir... foi um momento muito agradável.

### **Compreensão do atendimento.**

O encontro foi constituído por uma fala originária e que conforme o seu desdobramento foi produzindo os seus sentidos e os seus significados, revelando-se, mostrando-se por meio de seus efeitos que se expressavam por intermédio de suas impressões que eram marcadas na corporeidade, que quando impressas geravam alterações ou transições nas tonalidades afetivas. É justamente esse fato que permitiu expressões como “*Estou mais aliviada... [...] Me sinto melhor*” [SIC].

Foi possível observar que durante o encontro, houve momentos onde a fala tornara-se lacônica, mas que a partir do momento em que a posição de aproximação existencial se exerceu, isso permitiu o alargamento do dizer e uma expansão do significado atrelado às vivências. A distanciação reflexiva se fez como uma continuação da aproximação existencial, justamente por causa da distanciação é que foi possível aproximar-me, pois a partir desse eixo é que houve a possibilidade de visualizar os pontos específicos nos quais a fenda se expunha de tal forma a revelar e não a ocultar o que não se mostrava nas falas lacônicas.

Sapienza & Pompeia (2004) nos fala sobre a corporeidade que a partir dos acontecimentos se significa, como se o corpo vivesse os seus sentidos e vive. O corpo é a manifestação dos sentidos dado à existência e os expressa no seu modo de ser-com-o-outro.

S., vive os sentidos dado à sua existência em seu corpo, uma corporeidade que se afasta “*Eu me tornei uma pessoa antissocial*” [SIC]. Ao mesmo tempo esse afastamento é a expressão dos sentidos fornecidos à existência e uma forma também de lidar com esses sentidos produzidos até então.



## CONCLUSÃO FINAL

Este trabalho foi produzido durante o período de 1 ano de serviços prestados ao estabelecimento e com o atendimento de 14 usuários (sendo 12 descritos no artigo) e com as sessões de duração em média de 140 minutos. Dentre os usuários atendidos se encontram crianças (3 anos), pré-adolescentes (11 anos), adulto-jovem (17 anos), adultos (32 anos) e meia-idade (42 anos). As principais causas de sofrimento eram: o impacto psicológico do divórcio nas crianças; o impacto do divórcio para mulheres que adentravam em desamparo psicológico, financeiro e social; pressões sociais em relação ao futuro na fase de transição da adolescência para adulto; desemprego; preconceitos de gênero e de objeto sexual.

Por sua vez, esses sofrimentos se expressavam na forma de: quadros clínicos de depressão; sub-clínicos, como distímia; e, também compareceram outros transtornos como: transtorno da aprendizagem; transtorno maníaco-depressivo; transtorno de ansiedade; transtorno do pânico; transtorno bipolar. Além de ter havido a demanda de tendências suicidas, justamente em estado avançado – atos suicidas -. É importante ressaltar o fato de que alguns pacientes já estavam em tratamento psicofarmacoterápico e que necessitavam de atendimento psicológico como forma de sustentância ao uso dos fármacos.

Por fim, a partir desses relatos é possível observar que o Plantão Psicológico é uma prática que carece de uma perspectiva o mais ampla possível para que se possa apreender o fenômeno que se apresenta, de tal forma a permitir a intervenção o mais adequada possível e que esteja em consonância com os preceitos humanistas de respeito e compreensão pelo o outro, como também assentado nos critérios de seleção (condição socioeconômica) para o fornecimento de prestação de serviços para uma população carente, se precavendo assim de erros administrativos e permitindo o máximo possível da distribuição dos recursos humanos de forma adequada e eficiente, visto que a demanda é alta e a oferta baixa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humana**. Alínea, 2001.

CAMARGO, Ismênia. **A formação do conselheiro**. Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa. SP, EPU, 1987. p. 53-59.

MAHFOUD, Miguel. **A vivência de um desafio: plantão psicológico**. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa, p. 75-83, 1987.

MORATO, H. P. T. **Atenção psicológica e aprendizagem significativa**. Morato, HPT; Barreto, CLT & Nunes, AP (Orgs.), p. 22-39, 2009.

MORATO, H. T. P. **Plantão Psicológico: inventividade e plasticidade**. IX Simpósio de práticas psicológicas em instituições—Atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática, p. 1-15, 2009.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. WWF Martins Fontes, 2017.

ROSEMBERG, Rachel Lea et al. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. In: Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. 1987.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica**. São Paulo: Escuta, 2015.

SAPIENZA, Bilê Tatit; POMPEIA, João Augusto. **Na presença do sentido uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2004.